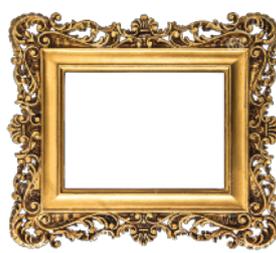




Quem foi Martinho Lutero? **6**



Reforma e Música **10**



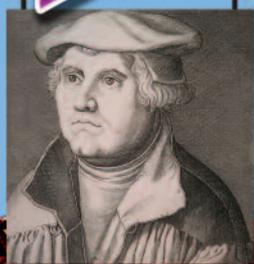
Reforma e Artes Plásticas **12**



Entrevista a Samuel Esteves **16**

REFRIGÉRIO

ISSN 2182-617X
ANO 31 NÚMERO 167
OUT/DEZ 2017



1517-2017
COMEMORAÇÃO
DOS
500 ANOS
DA
REFORMA
PROTESTANTE
E
AGORA?



IGREJA EVANGÉLICA



CALENÁRIOS E PLANNING 2018 - CIIP/REFRIGÉRIO



Calendários de parede em cartolina 300gr
6 modelos diferentes-48,5x32 cm



Planning 48,5x32 cm em cartolina 300gr



Calendário com linhas para apontamentos - 48,5x32 cm

A CIIP coloca à disposição dos irmãos e igrejas calendários e plannings 2018.

À venda no Encontro Nacional de Irmãos ou através do correio.

Peça informações para osvaldesign@gmail.com

Descontos para quantidades superiores a 10 exemplares.

Podem ser personalizados com o nome da sua igreja ou com foto à escolha.

FICHA TÉCNICA REFRIGÉRIO

ANO 31 NÚMERO 167 SET/OUT 2017 ISSN 2182-617X

Periódico trimestral visando a informação

e edificação do povo de Deus



PROPRIEDADE
Comunhão de Igrejas
de Irmãos em Portugal
CIIP

Internet: www.ciip.net E-mail: geral@ciip.net

As igrejas afiliadas na CIIP caracterizam-se por: serem igrejas locais autónomas, com uma convicção e tradição de liderança plural na comunidade, comunhão aberta sem distinção de origens denominacionais, ênfase na liberdade do Espírito Santo no culto e serviço, expectativa da segunda vinda eminente do Senhor Jesus em glória, e no exercício livre do ministério através dos dons e talentos em vez da profissionalização de cargos eclesiais.

Comissão Administrativa e Editorial

Eliseu Alves, Helena Sequeira e Osvaldo Castanheira

Endereço Jornal Refrigério

Rua das Eiras, 22 2725-299 Mem Martins

E-mail: refrigerio@ciip.pt

Redação Luis Pereira

Design Gráfico e Paginação Osvaldo Castanheira

Refrigerio Impresso e Refrigerio Online

Capa deste número Osvaldo Castanheira

Revisão e edição de Textos Cristina Calaim e

Matilde Vieira

Revisão e Edição de Notícias Helena Sequeira

Versão digital <http://www.refrigerio.ciip.net>

Impressão SIG - Sociedade Industrial Gráfica, Lda.

Depósito Legal : 21.402/88

ISSN: 2182-617X impresso / 2182-6188 em linha

Tiragem: 2200 exemplares

Preço de cada exemplar: 1,90 €

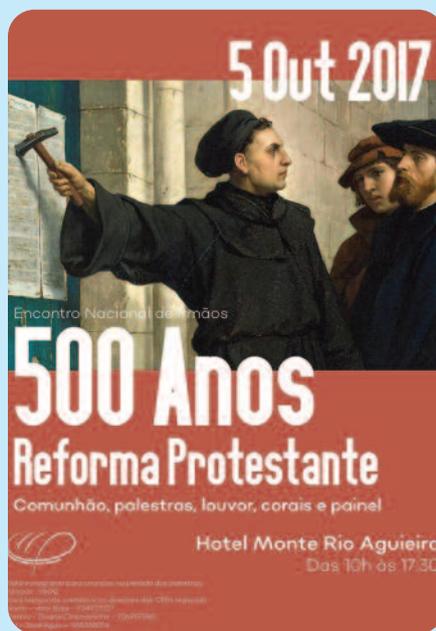
Sustentado através de ofertas voluntárias

Finanças

Agradecemos a todos os irmãos e igrejas que têm ajudado no sustento deste ministério. Envie a sua oferta para CIIP. Os cheques devem ser passados à ordem de CIIP- NIB 0035 2145 0001 7614 9309 2 com a especificação do destino da oferta: para "Revista Refrigério".

© Copyrights Autorizamos e incentivamos a divulgação, no todo ou em parte, dos estudos e artigos publicados, desde que a fonte seja citada. Os artigos assinados são da responsabilidade individual. Os artigos que não correspondam à linha doutrinária e informativa deste jornal, não serão publicados. À Comissão de Publicações do Departamento de Comunicações da CIIP assiste o direito de rejeitar publicidade que colida com as atividades das Assembleias de Irmãos.

Coord. Dep. de Comunicações - António Calaim



FAFE A Igreja Evangélica de Fafe organiza este evento no Cine Teatro de Fafe, celebrando os 500 anos da Reforma Luterana, louvando a Deus pelo grande impacto da Reforma Protestante no Século XVI até aos dias de Hoje, através da participação destes três grupos musicais evangélicos (Orquestra dos Sinos, Grupo Gerações e TOTA com a sua banda), de testemunhos pessoais dos mesmos com o tema: "O que é para mim a Reforma Protestante". Uma designer está a elaborar um pequeno filme adaptado do filme de "Lutero" que será intercalado entre estes três grupos musicais evangélicos. No final, Miguel Castro fará um apelo baseado nas 5 "Solos de Lutero": Sola Fide (Somente a Fé), Sola Scriptura (Somente as Escrituras), Sola Christus (Somente Cristo), Sola Gratia (Somente a Graça), Soli Deo Gloria (A Glória somente a Deus).



ATENÇÃO NOVO ENDEREÇO
para correspondência
Jornal REFRIGÉRIO Rua das Eiras,
22 2725-299 Mem Martins

Cada N° do REFRIGÉRIO tem um custo. Esta edição teve uma tiragem de 2200 ex. /24 págs. Apoie este ministério com a sua oferta. Consulte a ficha técnica e veja como o pode fazer.

BÍBLIA: PATRIMÓNIO ESPIRITUAL E CULTURAL DA HUMANIDADE

texto de Timóteo Cavaco

ilustração de Pedro Lourenço

“O quarto de estudo de Martinho Lutero,
a preciosa Bíblia no centro do lugar e
do tempo...”

A BÍBLIA É ÚNICA! Seja qual for o ponto de observação do seu leitor ou de um mero espectador, será difícil conceber alguém que fique indiferente à relevância da Bíblia e ao seu impacto ao longo dos últimos dois mil anos da história da humanidade. Para os cristãos, o valor deste texto é naturalmente maior pois trata-se de Escritura Sagrada: é a Palavra de Deus com tudo o que isso representa em termos doutrinários e espirituais. Mas mesmo qualquer outro ser humano, crente, agnóstico, ateu ou simplesmente indiferente, não pode ficar alheio à realidade deste imenso património de influência cultural assinalável – num sentido vasto de educação, artes, ciências – mas também em áreas mais prosaicas da vida, como a política, a economia, etc.

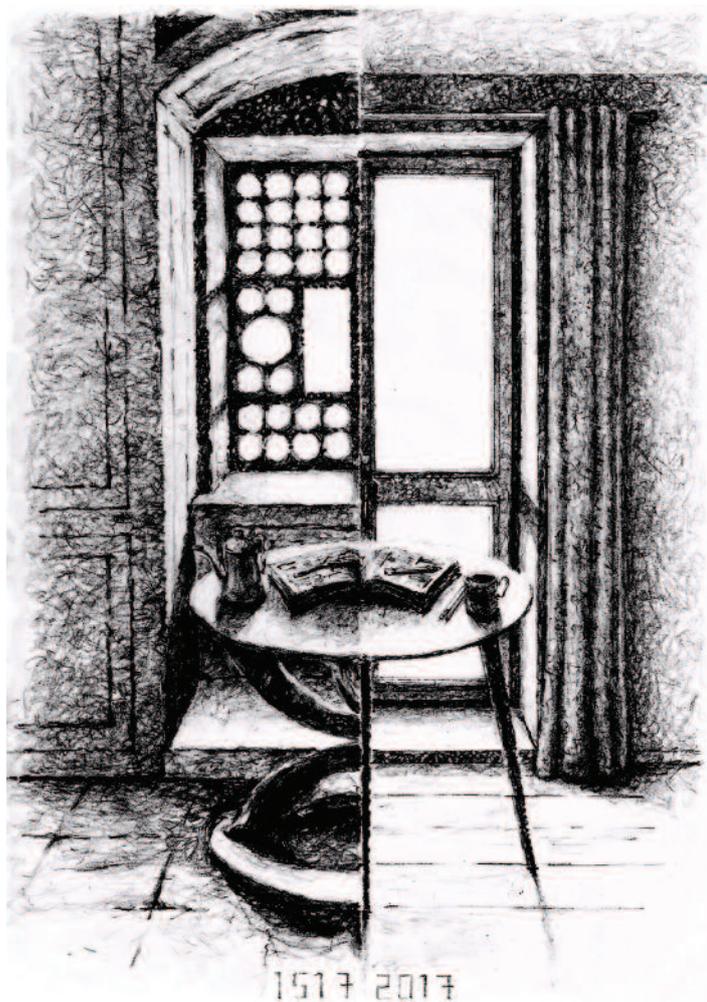
Ser Palavra de Deus é suficiente para os cristãos, mas a Bíblia também é única por ser o texto mais divulgado, certamente o mais lido e observado, e inegavelmente o mais traduzido do mundo. Parece não haver dúvidas de que a ampla difusão da Bíblia, presente nos mais diversos suportes ao longo da sua história, se deve em larga medida ao facto de esta mensagem não se confinar a uma língua e a uma linguagem únicas. Aliás, a Bíblia começa por ser várias línguas (hebraico e aramaico no Antigo Testamento) e já é tradução (versão grega dos Setenta) antes mesmo de ficar completa (com o Novo Testamento

em grego). Assim como não se fixa num único suporte, a Bíblia não se cristaliza numa única língua, uma espécie de idioma divino ou “autorizado”. Isto porque a revelação de Deus não está limitada a um tempo, a um espaço, muito menos a uma língua. Existem as línguas originais em que a Bíblia foi escrita, mas existem depois mais de dois milhares e meio de línguas em que a Bíblia já está traduzida no todo ou em parte; a Bíblia também é essas línguas. A tradução das Escrituras começa por ser um exercício teológico e mesmo espiritual de enorme seriedade, mas é também um contributo antropológico e sociológico, da maior relevância.

Um dos períodos mais férteis na produção de novas traduções bíblicas é o que se inicia no século XVI, em larga medida como produto da teologia da Reforma protestante. Após uma fase inicial do cristianismo em que a sua rápida expansão “obrigou” a que a recém-completa Bíblia ficasse disponível para os diferentes povos do imenso Império Romano, a fixação do latim como “língua sagrada” do cristianismo do Ocidente (particularmente a partir do momento em que o papa Gregório VII, cerca de 1080, torna o latim a língua exclusiva do dogma, proibindo o uso público de cópias bíblicas em vernáculo) e a manutenção das Escrituras em grego no cristianismo do Oriente (incluindo a versão dos Setenta para o Antigo Testamento), através do longo período medieval, foram fatores suficientes para fazer estagnar a atividade de tradução da Bíblia. Assim se explica que, no final do século XV, a Bíblia, no todo ou em parte, se encontrasse traduzida apenas em 24 línguas, entre as quais se incluía siríaco, egípcio, hindu, etíope, mas também arménio, anglo-saxão, árabe, chinês, boémio, eslávico e outras.

Em apenas um século, este panorama mudaria radicalmente. A invenção da imprensa por caracteres móveis por volta de 1439, mas sobretudo o impulso dado pela Reforma Protestante, a começar pelo

exemplo do próprio Martinho Lutero que traduziu a Bíblia para alemão (contribuindo de forma significativa para unificar os diversos dialetos locais, criando uma língua alemã padrão), foram fatores determinantes para o incremento que a tradução das Escrituras sofreu, pelo que no final do século XVI o número de traduções tinha quase duplicado, passando a haver 41 idiomas com acesso à Bíblia. Este número não mais parou de crescer sendo de 53 no final do século XVII e, quando se chegou ao século XIX, eram já 72 as versões da Bíblia. É evidente que, principalmente a partir do início do século XIX, com a criação do movimento global das Sociedades Bíblicas, estes números aumentaram exponencialmente, mas foi o valor dado à Bíblia através da teologia e da prática protestantes que permitiram este novo fôlego.



Seria anacrónico afirmar que o protestantismo criou a imprensa mas é de duvidar que a imprensa tivesse o desenvolvimento que efetivamente teve se não fosse a necessidade de divulgação da mensagem protestante. E no século XVI essa necessidade de difusão só fazia sentido em contexto protestante devido à sua teologia centrada na Palavra e na Palavra acessível a todos, por isso traduzida em línguas que fossem compreendidas e não nas línguas originais já “desaparecidas” ou em línguas meramente académicas, como era então o caso do latim. Assiste-se, assim, a dois efeitos imediatos com consequências que vão muito além das questões estritamente religiosas. Em primeiro lugar, o desenvolvimento tecnológico que passa pela criação de técnicas de impressão cada vez mais sofisticadas, acompanhado de uma progressiva deslocalização e concentração de tipografias nos territórios da Europa da Reforma (não será coincidência o facto de ainda hoje os alemães serem os campeões na produção deste tipo de maquinaria!), a que se associam outros desenvolvimentos quer ao nível da encadernação quer ao nível de novos tipos de papel (por exemplo, o “papel-Bíblia!”), sempre pensando na portabilidade (portanto, acessibilidade) da Bíblia. Em segundo lugar, o acesso à alfabetização e à educação global incentivado e patrocinado pelo protestantismo. As estatísticas mostram que se em meados do século XVI os principais países da Europa apresentavam taxas de alfabetização inferiores a 20% (alguns mesmo inferiores a 5% como era o caso, por exemplo, de Espanha ou da Suécia), cem anos depois a “Europa protestante” ultrapassava largamente esses valores, sendo de destacar os Países Baixos e o Reino Unido com taxas de alfabetização superiores a 50%. A necessidade de conhecer a mensagem de Deus sem mediações humanas ou materiais que fossem para além do livro tinha-se tornado razão suficiente para um notável incremento nas capacidades cognitivas das populações em terras da Reforma.

Continuamos hoje a referir-nos à Bíblia como “livro”, pois pesa ainda sobre nós essa herança guttembergiana de mais de cinco séculos que quase nos impede de ver a Bíblia noutros suportes, pré e pós imprensa, tão válidos e tão eficazes como o livro. Mas, a Bíblia não pode ser confinada à materialidade dos seus suportes. Pode ser pedra, pode ser madeira, pode ser pergaminho, pode ser papiro, pode ser papel arroz, mas também pode ser fita magnética, pode ser ondas hertzianas, pode ser cristais líquidos, e tantas outras coisas que estão por surgir. O desafio de hoje permanece tão acutilante como há cinco séculos: tornar a Bíblia acessível a todos para que a Palavra Viva, Jesus Cristo, se torne realidade na vida de muitos.



NOS PASSOS DA REFORMA SUÍÇA E ALEMÃ

por desejo do autor, este artigo respeita as antigas normas ortográficas

por Normando Pereira Fontoura (normando.fontoura@gmail.com)

Resumir numa simples página todo o conteúdo, emoção, experiências e aprendizagem vividos entre os passados dias 22 e 30 de Agosto com um simpático grupo de 64 pessoas, percorrendo mais de 1700 quilómetros de território suíço, francês e alemão, é obra de todo impossível, pelo que irei limitar-me a percorrer os “picos das montanhas”, deixando as cordilheiras, os vales e os rios para alargadas ocasiões de testemunho pessoal, preferencialmente acompanhadas da visualização dos filmes e dos milhares de fotos tiradas nos locais.

Tratou-se este empreendimento de visitar os mais importantes lugares ligados à Reforma Protestante na Suíça de Calvino e Zwinglio, e percorrer a rota da Reforma alemã encabeçada por Martinho Lutero, o revolucionário monge que teve a ousadia de afixar 95 teses na porta da Igreja de **Wittenberg**, no dia 31 de Outubro de 1517, num esforço de promover o debate público sobre os males da Igreja de Roma de então, mal sabendo o ilustre alemão que estava de facto a lançar o rastilho para a maior revolução espiritual, cultural e até política de

toda a Europa central. Esse desafio é hoje considerado o início da Reforma Protestante, ainda que se saiba que muitos outros líderes e movimentos já haviam anos e até séculos antes lançado a semente que agora o Espírito Santo faria brotar um pouco por toda a Europa central. É essa data mítica que quisemos comemorar com esta excursão, agora que se passam exactamente 500 anos desde esse incontornável evento.

Falando com alguns dos participantes uma ou duas semanas após o final da nossa viagem em grupo, a expressão comum é a de que estavam ainda “a digerir” e a “processar” interiormente tudo o que viram e aprenderam durante as visitas. E não é para menos! Tendo iniciado o percurso em **Genebra**, com a visita ao famoso mural dos Reformadores, deu-me a mim um especial prazer e sensação observar de perto o púlpito na Igreja de S. Pedro de onde o reformador João Calvino pregou os seus profundos sermões cujo impacto ainda estamos longe de conseguir medir. Foi aliás a observação dos vários púlpitos, tanto nas Igrejas onde Calvino, John Knox e Zwinglio pregaram em **Genebra, Basileia e Zurique**, como naquelas onde Lutero era ouvido por multidões sedentas de conhecer a verdade das Escrituras, que mais me preencheu nesta viagem, para além da experiência do baptistério feito para batismos por imersão em plena Igreja



FOTO 1 - Mural dos Reformadores vestidos com a "capa de Genebra", em Genebra, Suíça. Da esq. para a dir.: Guilherme Farel, João Calvino, Teodoro de Beza e João Knox.

FOTO 2 - Púlpito original na Catedral de S. Pedro, Genebra (ano 1250) de onde João Calvino pregava os seus sermões.

FOTO 3 - Grupo dos 64 excursionistas diante da porta da Catedral de Wittenberg onde foram afixadas as 95 teses da Reforma de Martinho Lutero.

Luterana em Eisleben, e a inesquecível proclamação das 95 teses em voz bem alta e o consequente entoar do hino de Lutero **“Castelo Forte”** exactamente diante das portas da Igreja de Wittenberg que mais me emocionou. Ver 60 pessoas vindas de Portugal cantar a plenos pulmões aquele famoso hino, participar desse momento único e ouvir os aplausos dos alemães ali presentes, é algo que não vou mais esquecer até ao final dos meus dias. Aquele momento para mim tornou-se profético, uma vez que no coração da Europa pós-cristã, nós, até certo ponto herdeiros da Reforma, estávamos ali proclamando simbolicamente à Europa esquecida de Deus que ela precisa de voltar ao **“castelo forte que é o nosso Deus”**, e não construir castelos feitos de ilusões materialísticas e liberais, nada mais que enganosos e periclitantes fundamentos movediços.

Visitar o **Museu da Reforma em Genebra** – o maior do género no mundo - constituiu um ponto alto desta excursão. Foi interessante ver não só todo o processo histórico, como as consequências benéficas da Reforma até aos dias de hoje. Muitos dos participante tiveram a oportunidade de imprimir manualmente uma folha de papel com um texto bíblico numa máquina tipográfica semelhante àquela usada por Gutenberg para a impressão da primeira Bíblia traduzida por Martinho Lutero. Foi em **Mainz** que Gutenberg fez avançar a civilização ocidental com essa preciosa descoberta – a impressão por tipos – sendo a sua casa museu hoje um polo muito interessante de informação e exposição cultural e histórica. Apesar do pouco tempo disponível, ainda conseguimos visitar alguns dos salões mais importantes do museu.

Muito elucidativa foi a visita a **Worms**, não tanto pelo que ainda resta daqueles dias – de facto quase nada – mas pelo simbolismo desta cidade onde Lutero foi convocado para comparecer diante de uma assembleia imperial e defender a sua conduta “rebelde.” Foi ali, naquela histórica “dieta”, que Lutero, convidado a retratar-se, se manteve firme, e pronunciou as famosas palavras: “Estou cativo da minha consciência e preso à Palavra de Deus.”

O grupo visitou ainda demoradamente o castelo de **Wartburg**, onde

Lutero esteve refugiado durante quase 2 anos e onde conseguiu traduzir todo o Novo Testamento em apenas 10 semanas! Fomos contemplados com uma extensa exposição exibindo toda a vida e história do grande reformador alemão. Pudemos também conhecer a casa de Lutero em **Eisenach**, o mosteiro agostiniano de **Erfurt** onde Lutero viveu como monge, a casa onde o reformador nasceu e morreu, em **Eisleben**, para além da Igreja de S. André, onde pregou os seus últimos 4 sermões. Antes da visita a **Wittenberg** – considerada o centro da Reforma – cuja grande catedral pudemos apreciar e onde se encontram os túmulos de Lutero e do seu fiel amigo Melanchton, conhecemos a cidade de **Torgau**, conhecida como “a Roma protestante”, e cidade natal de Catarina, a fiel esposa de Lutero.

Não poderia terminar sem referir a comovente visita ao campo de extermínio nazi de **Buchenwald**, e as emoções sentidas por grande parte dos excursionistas que ali tiveram coragem de entrar para conhecer aqueles horrores.

Berlim, a impressionante e alegre capital alemã, foi o término feliz de uma longa jornada de 8 dias. A cidade ferve de vida, de juventude, e é o encontro entre o antigo e o moderníssimo, entre a História sempre visível nos museus, memoriais e símbolos, e a vanguarda da arte e da arquitectura vanguardista. Para além dos ícones da cidade outrora dividida em 4 – como partes do muro de Berlim, o **“check point Charlie”**, a torre da televisão, o Bundestag, as portas de Brandenburgo, etc. – o grupo pôde penetrar nos 5 mil anos de História da Babilónia, Assíria, Grécia e Roma, dentro das paredes do Museu de Pérgamo, e ainda encerrar a visita com a assombrosa catedral luterana de Berlim, um verdadeiro fascínio arquitetónico, com um interior cheio de luz e de cor, rivalizando de pleno direito com a catedral de S. Pedro, em Roma.

Muito, ficou por dizer, mas estão patentes centenas de fotos no nosso site: www.viagens-shalom.com, onde se poderão “visitar” virtualmente alguns destes lugares mais relevantes de toda a Reforma Protestante. 📷

MARTINHO LUTERO

UMA CONSCIÊNCIA CATIVA

por Eliseu Alves

O DISTANCIAMENTO temporal de 500 anos de uma revolução que dividiu a Europa e que teve repercussões não apenas no domínio religioso mas também nos domínios político, económico e cultural, permite-nos abordar a reforma protestante de uma forma desapaixonada percorrendo a teia de personagens e interesses que se foram construindo ao longo de todo um processo e levantar uma série de questões incómodas para todos aqueles que encaram a História e os seus personagens numa perspetiva heroica.

- Qual o xadrez político que movimentou peças tão decisivas como o Papa Leão X, o jovem imperador Carlos V e o príncipe eleitor Frederico, o Sábio?

- Qual a verdadeira natureza da relação entre Martinho Lutero e Frederico, o Sábio, príncipe protetor que, após a Dieta de Worms, raptou Lutero, escondeu-o no castelo de Wartburg, onde durante 10 meses, traduziu o Novo Testamento do Grego para o vernáculo alemão? Poderemos, à luz das fontes disponíveis, falar de algum tipo de aproveitamento político dos príncipes alemães, encabeçados por Frederico, o Sábio, contra o poder central do imperador e da igreja?

- E que dizer da afixação das 95 teses na porta da igreja do Castelo de Wittenberg, a 31 de outubro de 1517, exatamente no dia anterior ao dia de todos-os-santos, em que o príncipe eleitor, Frederico, o Sábio, abria as portas da sua coleção de cerca de 17 740 relíquias cuja adoração valia para os fiéis cerca de 127 000 anos de indulgências?

- Será que o posicionamento de Martinho Lutero relativamente ao massacre dos camponeses, lavrado no seu escrito de 1517, *Contra os camponeses homicidas e salteadores*, faz dele um herói ou um anti-herói?

NA REALIDADE, não podemos ou não devemos, correndo o risco de alguma desonestidade intelectual, fazer uma leitura apaixonada, heroica, idealista ou parcial da reforma protestante que comemoramos. A verdade histórica aconselha-nos a que interpretemos os acontecimentos devidamente enquadrados nos seus contextos e que possamos desta forma perceber o propósito do Nosso Deus no devir histórico.

MARTINHO LUTERO, O HOMEM

Que homem foi este, sobre o qual, durante os 10 meses em que esteve escondido no castelo de Wartburg, o pintor Albrecht Durer escreveu: *Será que o mataram? Não o sei. Se o mataram sofreu a morte pela verdade cristã... Ó Deus, torna a dar-nos um homem semelhante a este que, inspirado por Teu Espírito, reúna os restos da Santa Igreja e nos ensine a viver cristãmente!*

Todos os historiógrafos de Martinho Lutero são unânimes relativamente à procura incessante e desenfreada de Lutero, não apenas no sentido para a existência mas essencialmente na quietude para a sua alma. Segundo Werner Leich, *Ele experimentou profundamente as contradições da vida, a luta perpétua entre o bem e o mal, a querela entre o egoísmo e o sacrifício e aceitou este pensamento da Bíblia segundo o qual o homem, pelos seus próprios meios, não é capaz de sair desta contradição. Mas o homem, em contradição consigo, é estrangeiro de si mesmo, beneficia do apoio de Deus e foi por Ele aceite sem reservas nem contradições.*

MARTINHO LUTERO: AS ORIGENS

Nascido de uma família humilde na cidade de Eisleben, o filho do mineiro foi batizado de Martinho (S. Martinho celebrado em Portugal com castanhas e vinho), no dia seguinte ao seu nascimento. Com 18 anos, viaja para a cidade de Erfurt, para concluir os seus estudos em Direito e é na biblioteca desta universidade que tem o primeiro contacto com a *sola scriptura*.

O rumo da sua existência é profundamente alterado por um acontecimento fortuito. No ano de 1505, quando de regresso a Erfurt, após umas férias com a família, é surpreendido por uma tempestade no meio de uma floresta. Aterrado pela violência dos trovões e relâmpagos e perante a eminência de morte certa, faz uma promessa a St^a Ana: Se me for poupada a vida, ingressarei num con-

● ● ●

não podemos ou não devemos,
correndo o risco de alguma
desonestidade intelectual,
fazer uma leitura apaixonada,
heroica, idealista ou parcial
da reforma protestante
que comemoramos

● ● ●



vento. A 18 de julho do mesmo ano, bate à porta do Convento dos Eremitas Agostinhos, na cidade de Erfurt.

MARTINHO LUTERO, O MONGE

Eu me dizia continuamente: oh! Se pudesses ser verdadeiramente piedoso, satisfazer teu Deus, merecer a graça! Eis os pensamentos que me lançaram no convento! Martinho Lutero A regra da Ordem dos Agostinhos era pesada. Submetiam-se a um jejum rigoroso, abstinham-se de comer carne, manteiga, queijo e ovos durante metade dos dias do ano, passavam as noites em celas não aquecidas. Lutero, de forma obstinada, oferecia-se de corpo e alma a estes rigores procurando de forma piedosa encontrar o sossego para a sua alma. Mais tarde escreveria: *Se alguma vez um monge chegou ao céu por sua vida monástica, eu, decerto, também teria conseguido entrar.*

Em 1510/11, uma viagem a Roma alterou novamente o rumo da sua existência. A corrupção do clero romano, a devassidão dos seus membros e o negócio declarado e descarado da veneração das relíquias e aquisição de indulgências provocou em Lutero uma crise existencial que só vai encontrar libertação na leitura e compreensão da *sola scriptura* e no consolo e confissão de João Staupitz, vigário geral dos Eremitas Agostinhos. O justo viverá pela fé, de Romanos 1:17, ganhou uma nova clarividência fazendo compreender que apenas a *sola fide*

na *sola gratia* de Deus, e não os méritos próprios, nos justifica dos nossos pecados.

É muito curioso pensarmos que Deus usou o vigário geral de uma ordem religiosa para que Martinho Lutero pudesse encontrar repouso e descanso para a sua alma.

MARTINHO LUTERO, O BANIDO

A 4 de outubro de 1512, recebeu o título de doutor de teologia, jurando à sua queridíssima Escritura Sagrada, que a pregaria fiel e puramente.

Tanto na Universidade, fundada pelo príncipe eleitor, Frederico, o Sábio, em Wittenberg, como na igreja do castelo, a denúncia dos excessos da igreja são tema central e ocupam os púlpitos que Lutero pisa: *Que crimes, que escândalos, estas fornicções, estas bebedeiras, esta paixão desenfreada do jogo, todos estes vícios do clero (...) é preciso denunciá-los, é preciso trazer-lhes remédio...*

O tráfico das indulgências obrigou Lutero a uma intervenção de denúncia e debate, através do desafio público das tão famosas 95 teses. A prática das indulgências é, na realidade, muito anterior à famosa negociação entre o papa Leão X e o Arcebispo Alberto de Mainz. Remonta às primeiras cruzadas e tornou-se o recurso mais utilizado sempre que a igreja precisava de angariar dinheiro e homens. A construção da Basílica de S. Pedro em Roma e a amortização da dívida de Alberto de Mainz aos banqueiros Fugger passaram a ser financiadas pelos incautos

fiéis, através da venda de indulgências que prometiam abreviar as penas do purgatório. Ao afrontar o poder instituído e ao denunciar esta prática, Martinho Lutero é acusado de heresia (à semelhança de João Huss, um século antes) e convocado a Roma mas, Frederico, o Sábio, exige que ele seja ouvido e julgado na Alemanha.

A cidade de Worms foi o palco escolhido pelo jovem imperador Carlos V, para que Lutero fosse ouvido. Entre Wittenberg e Worms, o povo faz fila para aclamar Lutero. *Irei a Worms, ainda que houvesse ali tantos diabos como há telhas nos telhados. Pôde-se queimar João Huss, mas não se pode queimar a verdade.*

Perante a exigência de se retratar de tudo o que tinha dito e escrito, Lutero responde:

A não ser que alguém me convença pelo testemunho das Sagradas Escrituras, ou com razões decisivas, não posso retratar-me. Pois não creio nem na infabilidade do papa nem da dos concílios, porque é manifesto que frequentemente se tem equivocado e contradito. Fui vencido pelos argumentos bíblicos que acabo de citar e a minha consciência está cativa da palavra de Deus. Não posso, nem quero me retratar porque é perigoso e não é certo agir contra a sua consciência. Que Deus me ajude. Amém!

Estava consumado o grande cisma do Ocidente!

Soli Deo Gloria 

DAMIÃO DE GÓIS

E ALGUNS LAIVOS DA REFORMA EM PORTUGAL

por José M. Barreto

A 23 DE FEVEREIRO DE 1901, o presbítero evangélico José M. Barreto, a propósito dos ecos da reforma protestante em Portugal, proferia a seguinte conferência nas instalações da União Cristã Evangélica da Mocidade Portuguesa (ACM).

Depois de meditar conscientemente sobre o que tenho estudado na História a respeito da Ásia, a respeito da Grécia e de Roma, depois de estudar na Bíblia a história de Israel e compreender pelo Novo Testamento a mudança que experimenta a vida do homem com a santa doutrina de Jesus Cristo, depois de saber como viviam os apóstolos no alvorecer do Cristianismo, depois de aprender que a Idade Média não foi mais do que a aliança da conquista e do pontificado, do castelo e do convento, do feudo civil e do feudo religioso, depois de compreender qual foi o espírito de onde brotou o Renascimento (...), eu creio que todo esse movimento foi o regresso aos ideais do Cristianismo primitivo.

E XPLICANDO ASSIM este movimento, e sobre a reforma em Portugal, direi, referindo-me em especial a Damião de Góis, que na vida deste ilustre varão se encontram factos que mostram a sua crença em Jesus Cristo. (...)

Damião de Góis anda intimamente ligado à reforma porque foi por sua causa que, em finais de 1531, o papa dirigiu a frei Diogo da Silva a bula que o nomeou comissário da Sé Apostólica e Inquisidor no Reino de Portugal, com o fim de obstar a que muitos cristãos novos voltassem aos ritos judaicos e impedir a disseminação das doutrinas luteranas e outras que se propagavam pelo país.

Existem vestígios da existência das ideias do luteranismo antes de 1531 (...). A própria Igreja Católica não legislaria contra os luteranos se realmente eles não estivessem em Portugal (...).

Descendente de uma família antiga e ilustre, era Damião de Góis, pelo lado de seu pai, neto de Lopo Dias que esteve ao serviço da rainha D. Leonor. Por parte da mãe, que se chamava Isabel Gomes de Limo, descendia de uma família flamenga; seu pai chamava-

se Ruy Dias e serviu o infante D. Fernando, pai de el-rei D. Manuel. Nasceu em Alenquer, no ano de 1501 e logo ao sair da infância entrou ao serviço da corte, assumindo um lugar evidente, dentro e fora do país tanto na cultura, nas ciências como nas sutilezas da política. (...).

Um vestígio da reforma em Portugal antes de 1531 é certamente a declaração proferida por Damião de Góis, constante do processo que contra ele moveu o Santo Ofício, no qual afirma que tendo ido em 1523, como escrivão da feitoria, para a Flandres, onde então se propagava a doutrina luterana, ali deixou de crer no valor das indulgências. Sabemos que Damião de Góis sustentou, nos primeiros anos da sua residência na Flandres, uma ativa correspondência com el-rei D. João III e com os príncipes, especialmente com D. Fernando, sabemos que a Inquisição o acusou não só de se corresponder com Melanchthon e Lutero, mas também com Erasmo (...).

Em suas declarações, diz o próprio Damião de Góis que em 1531 foi à corte do rei da Dinamarca e passando desta corte foi ter à cidade de Lubeck onde então estava um afamado teólogo, chamado João Pomerano, pregando as doutrinas luteranas e com ele esteve em casa de um dos governadores da dita cidade, e diz mais que saindo da Dinamarca para a Polónia, passara pela Universidade de Wittenberg onde então residiam Martinho Lutero e Filipe Melanchthon e com eles falou e comeu e bebeu. Declara mais que, passando por Paris de viagem para Lisboa (...), ali o procurara um padre pregador dos principais da Ordem de S. Francisco, por nome Frei Roque de Almeida, para lhe dizer, em segredo, que desejando muito ir estudar dois ou três anos à Universidade de Wittenberg para ouvir Lutero e Melanchthon, de joelhos lhe pedia uma carta de recomendação, pedido a que Damião de Góis acedeu



**existem vestígios da existência
das ideias do luteranismo
antes de 1531 (...).**

**A própria Igreja Católica
não legislaria contra os luteranos
se realmente eles não estivessem
em Portugal**



Damião de Góis (1502-1574)

Humanista português, viajou pelo norte da Europa tendo contactado diretamente com Martinho Lutero e Filipe Melanchthon, sendo bastante influenciado pelo humanista holandês Erasmo de Roterdão, com quem conviveu em 1534, na cidade de Basileia. É preso e sujeito a um processo, em 1571, pelo Tribunal da Inquisição. Em 30 de janeiro de 1574, é encontrado morto (suspeitas de assassinato) na sua casa de Alenquer.

Foi recentemente descoberta uma tradução sua, para a língua portuguesa, do livro de *Eclesiastes*.



porque, diz ele, viu ajoelhado diante de si um homem que podia fazer muito fruto na igreja de Deus.

Mais tarde, em 1537, na cidade de Pádua, o cardeal Jacobo Sadoletto fez um pedido idêntico ao português Damião de Góis (...).

Ainda no mesmo processo, D. Briolanja sua sobrinha testemunha que, estando há seis anos em casa de Damião de Góis e apetecendo-lhe comer carne de porco a um sábado (dia de jejum), Damião de Góis referiu que não havia apenas ele de comer essa carne de porco mas todos eles referindo-se que o que vai para dentro não faz nojo!

João Carvalho, vizinho de Damião de Góis, refere aos inquisidores que o mesmo não assistia à missa e por isso os criados chamavam-lhe pouco misseiro, e que em sua casa entravam alguns estrangeiros e que cantavam coisas que não entendia e não eram cantigas que fosse costume cantarem-se.

No dia 16 de Outubro de 1572, o humanista, historiador e diplomata Damião de Góis foi condenado a "cárcere perpétuo" pelos crimes de heresia e apostasia pelo Tribunal do Santo Ofício. Tinha 70 anos e passara os últimos 18 meses nas masmorras da Inquisição, em Lisboa. Foi cumprir pena para o Mosteiro da Batalha, mas acabaram por autorizar-lhe a prisão domiciliária, em Alenquer. Ali foi encontrado morto, a 30 de Janeiro de 1574, com fortes indícios de ter sido assassinado. 🕒

Cronologia da Reforma Protestante

- 1176 Conversão de Pedro Valdus e início do movimento valdense em Lyon (França)
- 1387 John Wycliff
- 1415 João Huss é queimado vivo (Constança)
- 1483 Nascimento de Martinho Lutero (Eisleben)
- 1484 Nascimento de Huldreich Zwinglio (reformador na cidade de Zurique)
- 1497 Nascimento de Philipp Melanchthon
- 1501 Lutero ingressa na Universidade de Erfurt
- 1505 Lutero ingressa no Convento dos Eremitas Agostinhos (Erfurt)
- 1507 Lutero é consagrado sacerdote
- 1508 Lutero é convidado para lecionar na Universidade de Wittenberg
- 1509 Nascimento de João Calvino
- 1510/11 Viagem de Lutero a Roma
- 1517 (outubro) Lutero afixa as 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg
- 1518 Lutero perante o cardeal Caetano
- 1519 Disputa de Leipzig
- 1520 Lutero queima a bula de excomunhão
- 1521 (17 e 18 abril) Dieta de Worms
- 1521/22 Lutero traduz do grego o N.T. para o alto alemão
- 1525 Revolta dos camponeses/ Lutero casa com Catarina de Bora
- 1530 Confissão de Augsburg
- 1534 Conclusão da tradução integral da Bíblia
- 1545 Início do Concílio de Trento (contrarreforma)
- 1546 Morte de Martinho Lutero em Eisleben

A REFORMA E A MÚSICA

por Floriana Oliveira - Licenciada em Ciências Musicais pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa. Desde 1996 dedica-se ao ensino da História da Música e Acústica

O século XVI fica para a História como aquele em que conflitos religiosos geram o Protestantismo e o Catolicismo, destruindo a unidade e a supremacia que a igreja de Roma detinha desde a queda do Império Romano do Ocidente no ano de 476 dC. Após a queda de Constantinopla em 1453, a igreja de Roma debate-se com dificuldades em gerir a imensa massa de fiéis de que dispunha; o movimento renascentista caracterizado pelo pluralismo, absentismo e materialismo, desacredita a instituição aos olhos de muitos cristãos. As críticas surgem de vários quadrantes: Erasmo de Roterdão e Thomas Moore defendem a necessidade de recuperar a espiritualidade da Igreja, Martinho Lutero critica os abusos do clero e apela à nobreza germânica para reformar a igreja.

A MÚSICA é um tema central da Reforma, tendo cada reformador fundamentado a importância e a função que a mesma assume na liturgia e repetidas cerimónias. Apresentaremos como a música é incorporada nas liturgias desenvolvidas pelos três homens que encabeçaram a Reforma no continente europeu: Martinho Lutero (1483-1546), Huldreich Zwingli (1484-1531) e João Calvino (1509-1564).

Martinho Lutero é um apreciador e amante da música¹ quer pela sua beleza absoluta quer pelo seu poder em mover espiritualmente o homem. Deste modo, atribui-lhe um lugar central tanto na vida da igreja como na vida dos crentes.

“Ao lado da teologia não há arte comparável à música, pois ela, (...) pode fazer o que de outra forma somente a teologia poderia realizar, ou seja, acalmar e animar a alma do homem.”²

“Aqui é importante discutir a utilização desta grande coisa chamada música. (...) Podemos mencionar unicamente um aspeto (...), que semelhantemente à Palavra de Deus, a música merece o maior elogio. (...) Quando queres confortar o triste, atemorizar o feliz, encorajar o medroso, humilhar o orgulhoso, acalmar o apaixonado, apaziguar os cheios de ódio... Que meio mais eficaz que a música podes encontrar?... Assim, não foi sem razão que os pais e os profetas não queriam mais nada associado à Palavra de Deus além da música.”³ Lutero vê a música como o meio mais poderoso para atrair as pessoas a Deus. Ele apresenta as suas ideias nos prefácios de numerosas pu-

blicações que, nos primeiros anos da Reforma, fundamentam a utilização da música quer nas igrejas quer nas escolas luteranas. O prefácio mais importante é o de *Symphoniae Jucundae* (1538), uma coleção de motetes em latim, publicada pelo editor de Wittenberg Georg Rhaw, amigo de Lutero. Nesta antologia encontramos obras musicais compostas por Lutero e por compositores anteriores à Reforma, como H. Isaac (1450-1517), J. Mouton (1449-1522) e Josquin des Près⁴ (1440-1521), representantes do estilo franco-flamengo⁵. Portanto, a música da igreja luterana está enraizada na polifonia franco-flamenga renascentista. As técnicas do contraponto imitativo baseadas no *cantus-firmus* e *tenorlied*⁶ deste período são exploradas pelos compositores que escrevem para a emergente Igreja Luterana. Martinho Lutero entende a Igreja como uma comunidade de crentes. Assim, a função que tradicionalmente era desempenhada pelos monges e coro de profissionais no serviço religioso (missa), agora é partilhada pela congregação de modo a que toda a assembleia de fiéis tenha uma participação ativa no culto a Deus. Em resposta a esta posição, nasce o hino congregacional sem acompanhamento instrumental, cantado a uníssono⁷ e em vernáculo, conhecido por coral protestante. Cerca de 1520, Lutero dispõe de um conjunto de três dúzias de melodias de coral que circulam pelos seus seguidores.

“*Eu desejo que tenhamos tantas canções em vernáculo quanto possível, a fim de serem cantadas pelas pessoas no serviço.*”⁹

O coral é o género musical que está na génese da música luterana e é interpretado em todas as cerimónias religiosas. Deste modo, quando em 1526, Lutero define a *Deustch Messe* (Missa alemã) em *Deustch Messe und Ordnung Gottesdienstes*¹⁰, substitui as rubricas litúrgicas da missa romana¹¹ por corais com textos com conteúdo semelhante. Um dos processos para a sistematização do repertório da igreja luterana e composição de corais é a adoção de melodias de canções existentes, algumas populares, em que a letra profana é substituída por palavras de carácter devocional. Esta técnica de paródia muito comum na época, é criticada, mas Lutero defende-a pela potencialidade que nela encontra para familiarizar os fiéis com as melodias dos corais e assim propagar a mensagem do Evangelho.

O coral mais famoso e que tradicionalmente é atribuído a Lutero é *Ein feste Burg ist unser Gott* (Castelo forte é o nosso Deus!) com texto baseado no salmo 46. O compositor Félix Mendelssohn (1809-1847) utiliza a melodia deste coral como tema das variações do quarto andamento da Sinfonia Reforma composta para a comemoração do terceiro centenário da Convenção de Augsburg. Também Giacomo Meyerbeer (1791-1864) usa a mesma melodia para apresentar a causa protestante na sua ópera *Les Huguenots* (1836).

O repertório litúrgico desenvolve-se no sentido de atrair os fiéis à mensagem do Evangelho e em 1524 Johann Walter (1496-1570),



“Ao lado da teologia não há arte comparável à música, pois ela, (...) pode fazer o que de outra forma somente a teologia poderia realizar, ou seja, acalmar e animar a alma do homem.”

Martinho Lutero

Lutero a aprender a tocar alaúde em casa de Ursula Cotta (gravura da época)

amigo de Lutero e baixo na capela do Duque Frederico, publica trinta e oito corais harmonizados¹³ a quatro vozes e cinco motetes em latim compostos por Lutero, naquela que se torna o primeiro monumento da música protestante: *Geystliche gesangk Buchleyn*.

“Estas canções foram harmonizadas a quatro vozes para dar aos jovens - que devem ter formação musical e artística - algo que os afaste das ba-ladas e das canções carnavais, e para lhes ensinar algo de valor que combine o bom e o agradável... eu gostaria que se utilizassem todas as artes, especialmente a música, no serviço daquele que deu e criou todas as coisas.” Tendo sempre em mente adorar o Deus todo poderoso, a música luterana desenvolve-se a partir do coral que deverá ser considerado o alicerce de obras maiores dos séculos seguintes, como por exemplo as composições musicais de H. Schütz (1585-1672), D. Buxtehude (1637-1707) e J.S. Bach (1685-1750).

Huldreich (Ulrich) Zwingli (1484-1531) é ordenado padre em 1506 e rapidamente se torna simpatizante das ideias reformistas de Erasmos de Roterdão, assumindo uma postura bem radical no verão de 1524. A partir desta data, e conjuntamente com os seus seguidores, começa a “limpar” as igrejas de Zurique: caíam os frescos, retiram as esculturas, as relíquias, os paramentos, os livros religiosos e iniciam o dismantelar dos órgãos.

Ao publicar as suas ideias reformistas em 1525, *Action or Use of the Lord's Supper*, anuncia claramente a extinção da música na liturgia. “Não tenho alguém no coro que cante para mim. A Música foi destruída, jaze em cinzas, e quanto mais é destruída, mais eu a amo.”, testemunho do compositor holandês Sixt Dietrich (1493-1548).

Para Zwingli a música é uma atividade secular que distrai o adorador da Palavra e, por conseguinte, não tem lugar no serviço religioso. Estas ideias devastadoras foram aplicadas nalgumas igrejas do norte da Suíça.

Em 1536, João Calvino (1509-1564) um dos grandes teólogos da Reforma, publica as suas teorias sobre a religião, a sociedade, a humanidade em *Instituts de la religion chrétienne*.

Sobre a música e a sua função na liturgia, Calvino é mais próximo

de Zwingli do que de Lutero. Nas igrejas calvinistas, a congregação canta salmos em uníssono e com o texto em francês.

A música polfónica é proibida no serviço religioso por afastar os fiéis do sentido da Palavra; é utilizada restritamente em reuniões domésticas.

“Assim como o vinho é preservado num barril, o veneno e a corrupção também são guardados nas profundezas do coração pela melodia. Então, o que devemos fazer? Devemos ter canções que não são justas, mas santas, que nos estimularão a orar a Deus e a louvá-lo, a meditar nas Suas palavras assim como amá-Lo, temê-Lo, honrá-Lo e glorificá-Lo”.

Calvino supervisiona a organização do *Saltério de Genebra* que consiste nos 150 salmos traduzidos para francês pelo teólogo Théodore de Bèze e as respetivas melodias trabalhadas pelo músico Loys Bourgeois (1510-1560). Esta antologia é o livro de canções oficial da reforma de Calvino.

Os aspetos musicais mais inovadores da Reforma manifestam-se, antes do mais, na Alemanha e, desde logo, pela influência de Martinho Lutero. Para este reformador, o papel fulcral da música reflete as convicções acerca do poder educativo e ético da mesma.

A questão religiosa que dividiu a Europa em dois campos no século XVI tem reflexos musicais mais sensíveis em território germânico, originando novos géneros musicais e práticas musicais diferentes daquelas conhecidas até então. Contudo, influencia também o desenvolvimento da música religiosa em toda a Europa. 📖

1 O próprio Lutero tocava alaúde e flauta, e compôs obras que permaneceram no repertório reformista. 2 Martinho Lutero, citação a partir de Atlas, 511. 3 Excerto do prefácio de *Symphoniae Iucundae*. 4 Josquin des Prés é considerado o principal representante do estilo franco-flamengo por utilizar a técnica da imitação em articulação com o texto e respetiva prosódia e semântica. 5 Estilo musical do Renascimento caracterizado pela escrita de polifonia imitativa a 4 vozes. É designado por estilo franco-flamengo porque os seus autores são naturais dos territórios do Ducado da Borgonha (França e Flandres). 6 Canção solista com acompanhamento instrumental muito popular ao longo do século XV em território alemão. 7 Todos os fiéis cantam a mesma linha melódica. 8 Língua própria de um país ou de uma região. 9 Citação a partir de Atlas, 514. 10 Missa Alemã e Ordem do Serviço de Deus. 11 Introitus, Kyrie, Gloria, Gradual, Credo, Offertorium, Sanctus e Agnus Dei. 12 Confissão de fé luterana. 13 Inspira-se na técnica do tenor Lied. 14 Citação a partir de Atlas, 518. 15 Citação a partir de Atlas, 520. 16 Citação a partir de Atlas, 521.

Bibliografia □ ATLAS, Allan, Renaissance Music, New York, Norton & Company, 1998. □ The New Grove Online. □ MICHELS, Ulrich, Atlas de Música II, Lisboa, Gradiva, 2007. □ WEISS, Piero & TARUSKIN, Richard, Music in the Western Music, Belmont, 2008.

PALAVRA E IMAGEM, REFORMA E ARTE: OS ICONOCLASTAS DE ONTEM E DE HOJE

por Osvaldo Castanheira
após consulta de Martin Dreher¹
Hans Rookmaaker²
e Francis Schaeffer³

Tenho em minha casa duas imagens religiosas. Uma de um menino Jesus em madeira policromada do séc. XIX oferecida por uma senhora amiga da minha mãe que sabia da minha paixão pela arte e pelas antiguidades. Uma outra fui eu que comprei há uns trinta e tal anos a um conhecido artesão de Mafra de nome Franco⁴ que representa S. Francisco de Assis e que é duma simplicidade e beleza ímpar. Para mim são naturalmente obras de arte e nunca objetos de culto. Sei que apesar disso alguns iconoclastas da nossa “praça” talvez me recomendassem que pura e simplesmente os destruísse ou deitasse fora.

E que dizer daqueles que são algo anti árvore de natal como eu e muito mais a favor do presépio.

A árvore de natal foi introduzida em Portugal por D. Fernando II (com saudades da sua terra natal no norte da Alemanha) país reformado protestante, e o presépio é um elemento tradicional português, país não reformado, católico. Porque é que geralmente nas igrejas se faz uma árvore de natal (de origem pagã) e não um presépio? Parece uma contradição não é? Mas para já passemos ao tema principal e teremos tempo de analisar algumas outras contradições.

Alguns amigos entretêm-se numa partida de um jogo de tabuleiro, mas aos poucos esses jogadores vão-se distanciando das regras apresentadas no manual. Aparece um que está habituado a jogar com regras diferentes, outro que costuma jogar doutra forma em família, um outro que decidiu criar uma nova regra, e ainda outro a quem ensinaram o jogo duma forma completamente diferente. Há, no entanto, um último que se apercebe desses desvios e aconselha todos a voltarem a ler o livro de regras e passar a jogar de acordo com os princípios criados pelo autor do jogo. Nem todos concordam. Alguns desistem e outros ficam profundamente chateados. Eu, que gosto imenso de jogos sociais, já vi acontecer muitas destas situações e outras que não me ocorre agora enumerar. Leva tempo e dedicação, mas o esforço de voltar a jogar da forma original vale a pena, assim como na Reforma Protestante valeu a pena o esforço de voltar a um cristianismo autêntico. Só que, em alguns pontos, a tentativa de mudança trouxe muitos conflitos e um dos que mais me toca são as relações entre fé cristã e arte no século XVI e as suas repercussões até aos dias de hoje.

Com esta proposta de mudança nos moldes da religião cristã, a Reforma também acarretou o declínio da “arte cristã” como produzida até então. Um dos efeitos imediatos foi a aversão à decoração dos templos. Enquanto a experiência sensorial no catolicismo era rica em símbolos, no protestantismo as representações físicas capazes de promover adoração e devoção eram evitadas. Ainda hoje, para quem já esteve num local ou momento de culto católico e evangélico, é fácil perceber como a arte é geralmente muito incorporada no primeiro contexto e quase nada no segundo.



O estudioso das obras de Shakespeare, G.B. Harrison, afirma que “a reforma, sob o comando de Eduardo VI, foi o pior desastre artístico que já aconteceu na Inglaterra. Além disso, a procura dessas obras de arte subitamente cessou e as tradições de gerações de artesãos perderam-se.” (Talvez seja justo referir também por comparação o desastre cultural ocorrido na península ibérica por ocasião da Inquisição). No contexto do Séc. XVI, as telas e vitrais presentes nesses locais não eram apenas belos, mas funcionavam como uma espécie de liturgia visual, apresentando a criação do homem, o nascimento de Cristo, a Via Sacra e outras narrativas sagradas para aqueles que não tinham acesso ao texto bíblico e nem conheciam o latim, língua na qual as cerimônias eram realizadas.

Em 1522 aconteceu em Wittenberg (Alemanha) uma das maiores catástrofes da História, mais precisamente da História da Arte. O conselho da cidade determinou a retirada das imagens das igrejas. A decisão foi executada por uma multidão que invadiu o templo, arrancou as imagens das paredes, quebrou-as e queimou-as. Por onde estes iconoclastas⁵ passavam (uma boa parte da Europa do norte) os templos ficaram como campos de trigo após uma chuva de granizo. Antiguidades e obras de arte que várias gerações haviam colecionado nas igrejas foram completamente destruídas. Os frescos que não puderam ser destruídos foram cobertos com cal. Estátuas, pinturas e crucifixos - mudos e indefesos - foram destruídos por “cristãos” munidos de machados e martelos, os mesmos que até há pouco se haviam ajoelhado perante eles. O culpado pela destruição não foi o povo que realizou a ação, mas sim os pregadores que a partir do púlpito incitaram semelhantes ações. Os motivos que levaram a estes atos iconoclastas ou “terroristas” no séc. XVI são precursores das atitudes menos próprias de “missionários” (não importa aqui mencionar a origem) que destruíram boa parte da arte pré-colombiana na América⁶. E que dizer de algumas atrocidades cometidas em África relativas sobretudo a esculturas? Uma vez ouvi um conhecido pregador evangélico apoiar incondicionalmente a destruição por parte dos Talibã dos conhecidos budas de Bamiyan⁷. Eu que sou contra a adoração de imagens, senti repulsa quando vi na televisão um tal bispo brasileiro a dar pontapés numa santa.



...
Sou completamente
contra
a existência de imagens
de santos na igreja, mas
uma pintura ou vitral sobre
uma cena bíblica não
me incomodaria nada.
...

1 MARTIN DREHER é pastor luterano, professor e historiador. Tirou o curso de teologia na Faculdade de Teologia da IECLB no Brasil. Doutou-se em história da igreja pela Ludwig-Maximilians Universität, em Munique. Foi professor de teologia em diversas cidades. É autor de diversas obras vinculadas à história da Reforma do século XVI, da igreja na América Latina, história da colonização e imigração na América Latina principalmente germânica. **2 "HANS" ROOKMAKER** (Holanda, 1922-1977) Foi escritor e professor de Teoria da Arte, História da Arte, filosofia e religião. Em 1948 conheceu o teólogo cristão Francis Schaeffer e tornou-se um membro da L'Abri (fundação de Schaeffer), na Suíça. Hans e sua esposa Anky abriram uma filial da L'Abri na Holanda. Foram publicados dois livros: “A Arte não precisa de Justificação”, em que trata do papel dos artistas, cristãos e não cristãos, na sociedade e *The Gift Creative: Ensaios sobre Arte e a Vida Cristã*. **3 FRANCIS SCHAEFFER** (EUA, 1912-1984) foi um teólogo cristão evangélico, filósofo e pastor. Tornou-se famoso por seus escritos e pela criação da comunidade L'Abri (do francês, "O Abrigo"), na Suíça. Opondo-se ao modernismo teológico, Schaeffer defendia uma fé baseada na tradição protestante. Um dos seus livros mais conhecidos é “A Arte e a Bíblia”. **4 JOSÉ FRANCO** (Maía, 1920-2009), dedicou-se principalmente à arte-sacra, sendo por isso conhecido em todo o mundo, podendo encontrar-se obras da sua autoria inclusive no Vaticano. Foi agraciado com o título de comendador pelo ex-Presidente da República, general Ramalho Eanes. **5 ICONOCLASTA** é nome dado ao membro do movimento de contestação à veneração de ícones religiosos que surgiu no século VIII denominado Iconoclastia. O termo significa literalmente “quebrador de imagem” e tem origem no grego eikon (ícone ou imagem) e klastein (quebrar). O significado de iconoclasta engloba os indivíduos que não respeitam tradições e crenças estabelecidas ou se opõem a qualquer tipo de culto ou veneração de imagens ou outros elementos ou que destroem monumentos, obras de arte e símbolos. **6 ARTE PRÉ-COLOMBIANA** é uma designação que compreende todas as manifestações artísticas levadas a cabo pelos povos nativos mesoamericanos, anteriores à conquista da América Latina pelos espanhóis e portugueses. De autoria anónima, compreende diversas tipologias, como a arquitetura, a escultura, a pintura, a joalheria e ourivesaria, a cerâmica, objetos de uso doméstico e ornamentos. Todas as obras foram feitas por artesãos, cuja função é transpor para estes objetos representações pré-determinadas pelas crenças ou ciências populares. **7 BUDAS DE BAMMIYAN** A 230 quilômetros da capital Kabul no Afeganistão, foram erguidos dois monumentos que a UNESCO consagrou como património da humanidade. O primeiro com 37 metros de altura foi finalizado no ano de 507 e o segundo com 55 metros data de 554. Com a difusão dos costumes radicais fundamentalistas no Afeganistão, foi declarado: “Baseado no veredito dos membros do clero e da decisão da Suprema Corte dos Emirados Islâmicos (Talibã) todas as estátuas na área do Afeganistão devem ser destruídas. Somente Alá, o Todo-Poderoso, merece ser cultuado.” Em março de 2001 os Budas de Bamiyan foram destruídos com dinamite e bombardeados por tanques. **8 GREGÓRIO I, MAGNO** (590-604) um dos papas mais importantes da história da Igreja. “Não se devem destruir os templos dos pagãos, mas batizá-los com água benta e neles erigir altares e colocar relíquias. Onde houver o costume de sacrificar aos ídolos, seja permitido celebrar na mesma data festividades cristãs sob outra forma. Assim, no dia da festa dos santos mártires, devem os fiéis erigir tendas de ramagens e organizar ágapes. Permitindo-lhes as alegrias exteriores, adquirirão mais facilmente as alegrias interiores. Desses corações terríveis não se pode eliminar de uma só vez todo o passado. Não se escala uma montanha aos saltos, mas a passos lentos!” **9 1 CORÍNTIOS 13.12** **10 ULRICH ZUÍNGLIO** (Suíça, 1484-1531) foi o líder da reforma suíça e fundador das igrejas reformadas suíças. Chegou a conclusões semelhantes às de Lutero pelo estudo das escrituras do ponto de vista de um erudito humanista. As suas doutrinas influenciaram as confissões calvinistas.

E o respeito pelas ideias dos outros?

E o que dizer de missionários estrangeiros que ainda hoje proíbem a entrada e consumo de vinho nas suas instalações num país de cultura mediterrânica como Portugal?

“E enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se comovia em si mesmo, vendo a cidade tão entregue a idolatria.” (Atos 17:16). Paulo observou os altares, notou um altar ao Deus desconhecido, com certeza teve a revelação do Espírito Santo e a partir deste altar difundiu a Palavra. Não mandou destruir todos os outros altares.

O mentor intelectual das atitudes iconoclastas do séc. XVI foi um tal **Andreas Bodenstein**. Professor universitário, espírito profundamente religioso e inquieto, lutou ao lado de Lutero pela centralidade do Evangelho, mas caiu num extremismo. Sincero na sua forma de ser, mas falho nas suas reflexões e consequências dos seu atos, publicou até um pequeno folheto de título “Da eliminação das imagens” que teve consequências muito nefastas para toda a arte. Andreas citava as imagens como obra do demónio, mesmo as pinturas de Grünewald, Lucas Cranach, Albrecht Dürer e Miguel Ângelo. Rompeu com a convicção que vinha desde Gregório Magno⁸ para o qual as imagens eram os livros dos leigos. Há autores que consideram Andreas Bodenstein o primeiro Puritano.

Mas nunca há quem tenha toda a razão ou quem esteja completamente errado. O Renascimento provocara também o surgimento de uma arte nada religiosa, executada por pintores nada religiosos. Volúpia e sensualidade eram muitas vezes as temáticas. Mas porque é que todos os artistas teriam que ser “religiosos” e pintar temas bíblicos?

A Reforma transmitiu a convicção de que somente a palavra era fundamental. A palavra era tudo. Este conceito de “palavra” desconhecia a crescente inflação da palavra desde então, nos escritores, jornalistas, opinion makers, através de jornais, revistas, televisão e redes sociais. Hoje a palavra está banalizada. Em muitas igrejas evangélicas, cada vez mais gente sobe ao púlpito sendo possuidores de pouca ou nenhuma técnica oratória ou preparação especial, só porque é muito prestigiante. Palavra era poder que nos transportava para os tempos do cristianismo primitivo, no qual não existiam imagens em razão do seu contexto judaico e da expectativa do fim do mundo eminente. Para quê imagens se a “imagem” de Jesus está sempre viva e presente? Para quê imagens se Jesus em breve viria? Daí resultou (e resultam) igrejas brancas, totalmente isentas de símbolos cristãos, apenas com versículos escritos nas paredes ou emoldurados em quadros. Quando se pretende ver a imagem apenas como “ídolo” destrói-se a perceção do elemento simbólico. Paulo disse: “O que agora vemos é como uma imagem confusa num espelho, mas depois veremos face a face”⁹. Paulo aqui não nega a importância da imagem embora não lhe atribua um valor exclusivo ou de excelência.

Lutero foi o primeiro a defender que seria melhor se as imagens não existissem, mas, quando Bodenstein apenas pensava em vandalizá-las, passou a afirmar que “imagens são memoriais e testemunhos e como tal devem ser toleradas”, chegando mesmo a declarar que se pudesse mandaria pintar toda a Bíblia dentro e fora das casas.

De facto, até a linguagem bíblica é muitas vezes apelativa do valor que a linguagem visual pode ter: “e viu Deus que era bom”, “Vimos

a sua glória” e “vinde e vede”.

O protestante que tem sensibilidade artística viverá sempre condicionado por apenas poder ver a reprodução de uma cena bíblica de um grande mestre ou pequeno artista num museu ou numa igreja católica.

A iconoclastia é uma patologia perigosa à qual até a música sucumbiu quando **Ulrich Zwingli**¹⁰ ordenou que o órgão fosse retirado do templo e destruído. Há sempre extremistas em qualquer lado, nem que seja só por uns tempos. Mas é o suficiente para causar muitos estragos. Felizmente apareceu o prestigiado Johann Sebastian Bach que escreveu música totalmente dedicada a Deus.

O meu artigo não é sobre música, mas este facto levou o protestantismo a dizer sim algumas vezes em relação às artes, pelo menos no que à música diz respeito. Os pintores, escultores e arquitetos protestantes/evangélicos que deveriam ser colocados na galeria dos grandes pregadores foram e são esquecidos em muitos casos.

Um ponto essencial para essa discussão, abordado pelo teólogo Francis Schaeffer, influenciado pelas ideias do crítico de arte Hans Rookmaaker, que foram contemporâneos no século XX, é a noção de que uma obra de arte tem valor em si mesma. E isso porque, primeiramente, ela é uma obra de criatividade, que tem valor porque Deus é criador. Tal princípio pode parecer óbvio, mas ainda hoje para muitos cristãos é algo impensável, daí a importância destes escritores e teólogos, fundamentais para que não se perca a essência da arte no nosso meio. “A arte não é algo que simplesmente podemos ou devemos analisar ou avaliar pelo seu conteúdo intelectual. É algo para ser apreciado. A Bíblia diz que as obras de arte no tabernáculo e no templo estavam lá pela beleza”(Rookmaaker).

A antiga revista dos Homens Cristãos de Negócios, “Ponto de Vista”, que mais não era que uma cópia do original alemão *Geschafتمان und Christ*, tinha sempre como artigo de capa um texto bastante desenvolvido sobre um artista plástico, obviamente dos países do norte da Europa, os tais países reformados que eram contra as imagens no séc. XVI. Já alguma vez viu algum artigo sobre um artista plástico português numa revista evangélica?

Quando o valor da obra de arte em si não é levado em consideração, os protestantes - de ontem e de hoje - caem no erro de pensar a arte apenas como uma mensagem, um meio para um fim, o que faz que, com frequência, nas igrejas ela acabe reduzida à propaganda, ou suporte para o evangelismo. Este obstáculo une-se ainda à equivocada perceção de que a arte só pode ter algo de cristão se for sempre explicitamente religiosa, abordando apenas temas bíblicos.

A “arte” no nosso meio foi praticamente remetida apenas para o cartaz e a capinha de livros, agora muitas das vezes com elementos tirados da net e cozinhados tipo patchwork com uns efeitos especiais por cima e pouco mais. Estamos a empobrecer.

Assim, este artigo que é sobre arte, propositadamente, não tem imagens, não vá alguém cair na tentação de as adorar. Desculpem-me o humor.

IMPORTANTE: Sou completamente **contra** a existência de imagens de santos na igreja, mas uma pintura ou vitral sobre uma cena bíblica não me incomodaria nada. 

“Obrigada pela oportunidade de termos vindo a Portugal e servir Jesus ao vosso lado! Que bênção foi para todos nós! Esperamos voltar no próximo ano e iremos, até lá, orar por vocês e por este incrível ministério.”

Sonya e Brooke
(equipa U.S.A.)

“Obrigada por tudo o que fizeram por mim no english camp e por tudo o que ainda vão fazer.”

Beatriz Matos
(campista)

“Esta semana foi fenomenal - Glória a Deus!”

Fabício (campista)

“Eu oro todos os dias em conjunto com os meus avós por muitas pessoas e eu tenho as pessoas do english camp na minha lista — estão lá todos desde o primeiro english camp em que participei.”

Xana (campista))

“Obrigada mais uma vez pelo voto de confiança e pela paciência! Até para o ano!”

Solange
(equipa Portugal)

ENGLISH CAMP

O ENGLISH CAMP teve este ano a sua 15ª edição e é uma semana de acampamento de Verão para jovens entre os 13 e os 17 anos. Junta num mesmo período de tempo e num mesmo espaço (Casa Juvenil de São João Bosco — na bela, mui nobre e sempre leal e invicta cidade do Porto) tudo aquilo que caracteriza um acampamento evangélico: desporto, jogos de água, praia e ar livre, excelentes refeições, boa disposição, música, louvor e estudo da Palavra de Deus. A particularidade do ENGLISH CAMP está no facto de em tudo isto incluirmos o uso constante da língua inglesa como ferramenta. A necessidade de comunicar e conversar em inglês (e o consequente desenvolvimento dessa capacidade) é uma das mais valias do ENGLISH CAMP. São imensos os jovens que afirmam no final do acampamento que o ENGLISH CAMP os ajudou a desenvolver as suas capacidades de falar a língua inglesa. Porém, o inglês é apenas um meio para alcançar um fim maior: apresentar Jesus Cristo a todos!

Entre os dias 30 de julho e 5 de agosto, o ENGLISH CAMP contou com 44 campistas (portugueses, holandeses, ingleses, brasileiros e espanhóis) apoiados por uma equipa de 20 jovens de Portugal. Todos os anos recebemos uma equipa que viaja dos Estados Unidos para ajudar na programação do acampamento e este ano contámos com o melhor grupo de sempre - 9 pessoas que foram uma bênção para campistas e restante equipa.

O tema da semana foi “seguir ou não seguir”, e desafiámos todos os campistas a considerarem Jesus como o verdadeiro modelo, exemplo e referência a seguir, como Salvador e Senhor das suas vidas. Através do estudo da Palavra de Deus (English Bible Class) e dos diversos testemunhos dos membros da equipa, pudemos passar essa mensagem. Pela graça de Deus, vimos 8 jovens declararem publicamente que aceitaram Jesus como seu Senhor e Salvador. Glória a Deus!



AWESOME CAMP

O AWESOME CAMP teve este ano a sua 3ª edição e é uma semana de acampamento para jovens com idades entre os 16 e os 25 anos e aconteceu entre os dias 20 e 26 de agosto. Contámos com 37 animados e muito divertidos campistas que foram desafiados pela boa palavra de um irmão norte-americano (pastor Troy) a considerarem o tema “and the winner is...” (e o vencedor é...) no sentido de descobrirem quem era merecedor de receber o prémio e o primeiro lugar nas suas vidas. O desafio passou pela necessidade de um sério compromisso dos jovens durante 52 semanas do ano e não apenas numa, em todos os lugares e não apenas no acampamento, com todas as pessoas e não apenas com os amigos do Awesome Camp. Oramos para que o desafio surta efeito! Juntámos a isto momentos especiais de concerto musical, praia e jogos de água, marshmallows e noite de gala, entre muitas outras coisas...



As semanas de acampamento contam desde há alguns anos com a coordenação da jovem Abigail Castro, que tem revelado uma enorme capacidade de liderança e criatividade. A equipa atingiu finalmente a “maturidade” na sua forma de servir ao Senhor e de servir o outro e isso tem-se revelado fundamental para que o Senhor possa resplandecer nos nossos rostos e possamos ser veículos de bênção, paz, amor e salvação em Cristo Jesus!

Em nome da TeachBeyond Portugal, um forte abraço de apreço e gratidão a toda a equipa dos acampamentos 2017: Tom, Allyson, Emma, Natalie, Sonya, Brooke, Amanda, Kísah, Amiel, Lais, Troy, Gary, Cindy, Andrina, Antoinette, Abigail, Miriam, Tita, Solange, Joana, Dóris, Vivi, Milena, Macaia, Tércio, Luis, Randmer, Calú, Marcos, Lucas, Tiago, Mike, Ginha, Fernanda, Florida, Carlos e Raquel, Ana, Miguel e Dália. Duarte e Bétinha Casmarrinha. **Até para o ano!**

por Duarte Casmarrinha

Foi desta forma que alguns campistas e membros da equipa se expressaram no final das duas semanas de acampamento organizadas pela **TeachBeyond Portugal**. Damos muitas graças a Deus pelas duas excelentes semanas de acampamento deste Verão, pela extraordinária equipa de trabalho (americana e portuguesa) e pelos maravilhosos campistas com quem trabalhamos!

SAMUEL ESTEVES

HOJE DANÇA CONNOSCO

entrevistado por Osvaldo Castanheira (1ª parte)

INTRODUÇÃO

Só poderia ser no Centro Cultural de Belém, sinónimo de artes de todos os tipos, que nos encontrámos. Sentados à mesa, muito perto do chamado Jardim das Oliveiras, começámos a delinear os principais temas desta entrevista. A dança que leva o Samuel, de Alvalade, bairro lisboeta, até Manhattan, bairro de Nova Iorque, e a Israel por várias vezes. A Mocidade para Cristo, que valorizou as artes performativas como nunca mais ninguém fez, reunindo dezenas ou mesmo centenas de jovens nos anos 80, a deslocação a Israel por variadas vezes e o Musical TERRA PROMETIDA serão os tópicos principais, mas houve muitos outros temas de conversa.

Tal como aconteceu nos números anteriores e devido à extensão desta entrevista, o texto foi dividido em duas partes, a segunda das quais será publicada no próximo número



Porque achas, como eu, que pode ser importante para muitos (sobretudo jovens) dar esta entrevista?

Aceitei o convite para falarmos sobre uma das minhas histórias. Aquela que se cruza com as artes, a dança e o teatro, enquanto experiências formativas, profissionais e voluntárias de serviço cristão e, em particular, enquanto instrumento de adoração a Deus e de comunicação sobre o sentido da vida de que tanto fala a Bíblia.

Podemos conhecer um pouco da tua história familiar?

Nasci antes de outros quatro Esteves em Rio de Mouro, no ano de 1961. Cresci familiarizado com as histórias da Bíblia, não fossem os meus pais cristãos evangélicos e membros da Igreja Marquês de Olhão. Da infância à primeira adolescência, guardo as aulas da escola bíblica de cada domingo na igreja e os acampamentos de crianças do Caravela, em Vila Nova de Milfontes, como momentos em que pude aprender sobre os heróis de Israel e, em particular, sobre Jesus, rodeado de discípulos feitos de gente simples como muitos de nós, no meio de uma multidão de pecadores, gente como nós, que ele amava e transformava em pessoas redimidas e melhores. Não fossem os acampamentos Caravela e o ministério da Mocidade para Cristo (MPC) dirigida por Moisés Gomes, a atraírem a minha

Drama com grupo de jovens em Algés



Bilhete do Musical "CONTRASTES" vencedor do festival de Teatro Amador de Lisboa



atenção para o convívio com jovens da minha idade, para o desporto e, de forma lenta e gradual para a Palavra de Deus, a juventude seria vivida rapidamente longe da igreja.

E a tua formação/escolaridade como decorreu?

A colocação na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, onde passei um ano até procurar a transferência, mal sucedida, para Lisboa, marcaram um tempo de procura do propósito da vida que se quer viver, tal como muitos jovens o procuraram. E eu não fugi à regra.

A descoberta do gosto pela dança

como aconteceu?

Vim para Lisboa de novo, enquanto procurava o reingresso no ensino superior que não aconteceria a não ser nove anos depois. As portas das discotecas abriam-se como catedrais da dança onde o gosto pelo movimento de “abandar o capacete” me levaram a inscrever em cursos de dança Jazz para amadores e profissionais. Abriu-se um novo mundo onde surgiram oportunidades de formação contínua também em dança clássica e contemporânea, onde foram aparecendo convites para cursos de curta e longa duração como a turma especial de rapazes no Conservatório de Lisboa, e depois a Escola do Ballet Gulbenkian.

Começava a experiência no palco, a participação em peças de teatro, grupos de dança contemporânea e de jazz e, finalmente, o convite para integrar na recém-criada Companhia de Dança de Lisboa que me proporcionou um estágio numa escola de dança em Nova Iorque

A dança em Nova Iorque trouxe-te uma surpresa?

Uma vez na escola de dança, lá para os lados de Manhattan, aconteceu algo que me alegrou bastante. Num cantinho dum estúdio, uma jovem bailarina, sentada no chão, lia o que parecia ser uma Bíblia aberta no chão no meio das pernas que se esticavam. A curiosidade foi certa. Feitas as apresentações, pouco tempo passaria até vir a conhecer e participar no culto de uma igreja que se organizava num espaço de ensaios e gravações de música, onde certamente muitos eram pessoas ligadas ao mundo artístico. Conhecer pessoas das artes crentes em Deus, como eu, foi uma bênção, um alargar de horizontes.

Depois, em Lisboa, começa uma longa ligação com a “Mocidade Para Cristo”?

É verdade. Na década de oitenta a MPC estava em força ao nível dos ministérios criativos com a direção de Dale Chappell, criando as condições para que

Na escola de dança ...

todos os que quisessem servir a Deus através da dança, música, teatro, poesia e mímica pudessem fazê-lo. O Caravela, o espaço Juvencristo na Rua Passos Manuel e os Rallys Jovem foram vivências e momentos de grande criatividade e de crescimento espiritual. Existiam muitas oportunidades para os jovens. Pessoalmente pude participar em muitos projetos artísticos: o grupo de teatro Cara Descoberta, o grupo de dança Dançando para ti; a escola de artes a Carpintaria (no ensino da dança); e particularmente no Musical Contraste. Outros grupos houve que destacaria aqui, como ministérios que foram muito importantes neste tempo, como o grupo musical Novo Horizonte e o grupo coral Cântico Novo, nos quais os meus amigos e familiares participavam.

Um grupo de jovens no “Acampamento Caravela” em 1980. (Viala Nova de Milfontes)



Líder Jovem Caravela, 1983



Esta malta toda viajava pelo país com programas muito bem estruturados pela MPC, sob a direção artística de Dale Chappell e, colaborando com as igrejas locais, alcançavam-se as pessoas nos teatros e nos jardins, levando o Evangelho a muita gente.

Recordo-me de estarmos a fazer mímica em S. Miguel, nos Açores, numa feira de artes de rua, constituída na sua maioria pelo elenco do musical *Contraste*, que ali se publicitava para o espetáculo do dia seguinte. Lá estávamos os dois, eu e o Isaque Andrade, na fila de carros a pedir passagem para virar à esquerda, com as caras pintadas de branco. Como nos divertíamos a fazer uma coisa tão boa: atrair as pessoas para uma oportunidade de ouvir e conhecer Jesus Cristo.

O Caravela foi para ti, bem como para muitos de nós, uma experiência “muito para a frente”?

O momento alto do ano era sem dúvida para os jovens, e julgo que continua a ser, os acampamentos de verão. O Caravela destacou-se na vida de centenas de jovens em Portugal (claro que para muitos adultos e crianças também). Não posso deixar de trazer o meu pai Augusto à página, assim como a minha mãe Fernanda. Altos e baixos a vida tem. E dum baixo o pai estava a sair, quando os filhos viviam a fé no esplendor da sua juventude no regresso a casa de um desses acampamentos.

Lembro-me bem de muita coisa acontecer na tua casa de Alvalade...

Corria o ano de 1983, na nossa casa em Alvalade, e a minha mãe, no exercício do seu dom de hospitalidade, assegurava a casa aberta para todos os amigos, ensaios, atividades, festas (parecia uma pousada de juventude) e as sistemáticas reuniões de jovens à sexta-feira à noite. Tal era a alegria dos jovens que em muito contribuíram para entusiasmar a fé do pai que passou a participar nas reuniões.

O teu pai teve uma grande influência na tua vida?

A vida do pai², o seu ministério, a sua grande capacidade de estudo, investigação e amor à Palavra de Deus foram e continuam a ser para

mim uma fonte de inspiração. As convicções que tenho resultam do estudo da Palavra de Deus, mas o exemplo do amor do pai pela Palavra guardo-o como um tesouro. Ainda continuo a ler e a reler os seus estudos. Ele tem sido ao longo da vida o meu parceiro de carteira na escola de Deus.

Agora terei que destacar o amor do pai pelo Deus de Israel, e em particular por Israel. Esse amor agora também é meu. A história deste amor começa assim. Lia eu num anúncio da *Christian Artists*³ magazine em 1990: “Male dancers needed for the Feast of Tabernacles in Jerusalem” [Precisa-se de bailarinos para a Festa dos Tabernáculos em Jerusalém]. Fiquei mais que curioso. Ou melhor, entusiasmadíssimo. Participar numa companhia internacional de dança constituída por bailarinos cristãos, e em Israel, só teria mesmo que acontecer. Lá fiz a candidatura e fui aceite. Então não é que, nesse verão, Sadam Hussein invade o Kuwait? E as ameaças de guerra que pairavam no ar? E lá tive que pedir a bênção do pai. “Pai, é em Israel o projeto, e eu gostava de ir”. “Mas e a guerra?”. “Pai, isto é mais forte do que eu”. “Como eu te compreendo, filho. Seja o que Deus quiser”. E lá fui.

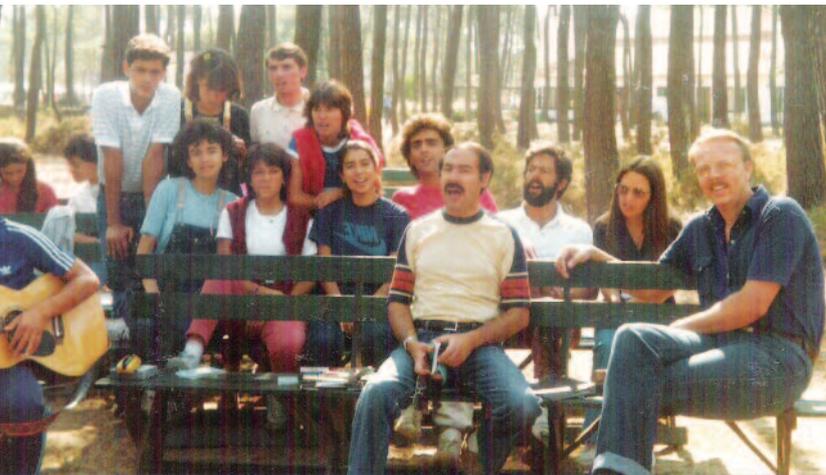
A descoberta de Israel é um motivo de que falas sempre com um brilho nos olhos. Porquê?

Daria um pequeno livro só para contar todas as experiências que vivi em Israel, as descobertas que fiz, as raízes da fé que encontrei, a relação de cada crente com a Oliveira (vide Romanos 11) a Palavra de Deus que se revelou. Como se o puzzle começasse a fazer mais sentido. Contarei esta história... Estive lá em 1990 e depois em 1991, para voltar depois em 1996, no contexto da celebração cristã da Festa dos Tabernáculos.

Quem organizava estes eventos?

A organização cristã que organizava o evento onde eu dançaria era (e continua a ser) a *International Christian Embassy Jerusalem*⁴ (ICEJ) (vide www.icej.org). Em 1980, no parlamento israelita, passou a lei fundamental de Jerusalém [Jerusalém é a capital unida, indivisível e eterna de Israel]. Quando, em forma de reação política, todas as em-

Líder Jovem Caravela, 1983



Grupo de Mímica em Algés



baixadas existentes em Jerusalém se retiraram, um grupo de cristãos crentes em que Deus não abandonou Israel, antes está a restaurá-la até que o Messias volte. Decidiram, deste modo, manifestar o seu apoio e serem solidários com o povo de Deus, como diz Isaías em 40:1 “Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus”.

A relação das nações com Israel foi uma das primeiras lições práticas. No primeiro dia oficial de abertura da Festa dos Tabernáculos, vi as nações subirem ao palco e acenderem uma vela simbólica, através dos delegados presentes, até embaixadores em alguns dos casos, e muitas vezes com as suas bandeiras nacionais e trajes tradicionais. Faziam-no por ordem alfabética. Lembrei-me logo de Zacarias 14:16: “Todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, e para celebrar a Festa dos Tabernáculos.”

Portugal não podia ficar de fora?

Ora aqui o jovem, para quem tudo era novo, esperava ansiosamente pelo P de Portugal, que nunca iria chegar. Mas não há portugueses aqui entre as 5000 pessoas? Estávamos em 1990. Em 1991, lá estava eu, novamente, na noite de abertura. Mas, desta vez, dos bastidores saiu um dos bailarinos com uma fita vermelha e outra verde a acenar por Portugal e a acender a sua vela para abençoar Israel em nome da terra de Camões.

Isto assim não podia continuar, onde estava Portugal, junto com as outras nações, representado em Jerusalém? De volta à capital lusitana, e enquadrado o pai Esteves sobre a experiência ocorrida e sobre a oportunidade que este ministério representava para Portugal e para a igreja portuguesa, a Missão O Clamor da Meia Noite organizou em Lisboa duas Conferências. Uma na Igreja Evangélica das Amoreiras (12 e 13 de Novembro de 1991) com a presença de Jan Willem Van Der Hoeven, da direção da ICEJ, profundo conhecedor da profecia Bíblica sobre Israel e Jerusalém e das dinâmicas das relações internacionais. No dia seguinte davam-se os passos para a criação da delegação portuguesa da ICEJ, a Embaixada Cristã Internacional de Jerusalém, nos dias de hoje dirigida pelo casal António e Carla Melo.



1 A “Mocidade Para Cristo”, internacionalmente conhecida como *Youth For Christ*, nasceu na década de 40 nos Estados Unidos. Um grande movimento de cruzadas evangélicas estava a nascer em várias cidades. Os líderes dessas cidades juntaram-se e criaram esta associação cristã, visando unir e beneficiar todos os programas locais em torno de objetivos específicos. O Dr. Torrey Johnson é considerado o fundador da MPC Internacional pelo facto de ter sido aquele que a idealizou e foi eleito como o primeiro presidente da missão. O primeiro obreiro contratado foi o jovem Pr. Billy Graham.

Em Portugal o seu fundador foi o Pastor Samuel Faircloth havendo a destacar na sua liderança o Pastor Moisés Gomes no ensino e Dale Chappell nos ministérios criativos.

2 “o pai” nome carinhoso pelo qual Augusto Esteves era tratado por alguns jovens na altura.

3 A ICEJ procura através dos seus ministérios abençoar Israel e fá-lo em termos práticos, em representação dos cristãos de muitas nações, que assim o desejarem. Entre muitos projetos como o apoio à imigração e a integração dos judeus que regressam a Israel, conforme a profecia anuncia, a Embaixada Cristã celebra a festa bíblica das Cabanas ou Tabernáculos (uma semana de conferências, concertos de louvor e uma manifestação de alegria, simpatia e testemunho pela cidade de Jerusalém). Claro que há muitos outros ministérios cristãos ou messiânicos em Israel, mas esta foi a minha porta de entrada para conhecer mais algumas coisas sobre o plano de Deus para Israel e a Igreja do Senhor como a Bíblia o apresenta.

4 Christian Artists é uma organização de artistas cristãos de diversas denominações e países que desde a década de 80 trabalham segundo a seguinte missão “Chamados a participar no Reino de Deus significa: praticar o amor, a compaixão, a liberdade, a solidariedade e a justiça com a finalidade de moldar a cultura de forma criativa e influenciar a sociedade através de várias formas de proclamação”. Um dia e meio de palestras e debates, incluindo reuniões muito interessantes com artistas que estão prontos para falar sobre a sua vida, seguido de 3 dias de workshops sobre todas as formas de arte. Realiza-se todos os anos em Roterdão. Vide <http://christianartists.org>

continua no próximo número

Mocidade Para Cristo - Grupo “Cara Descoberta”



Mocidade Para Cristo - Grupo “Cara Descoberta”. Encenação da peça “O Filho Pródigo”



escrito segundo
o antigo acordo ortográfico

A PENA DO JÓ
crónica de
Jorge Oliveira

SOMENTE A ESCRITURA NO SÉCULO XXI

ESTE ANO assinalam-se os 500 anos da Reforma Protestante. Uma das grandes luzes reacendida na Reforma foi o retorno à luminosa verdade das Escrituras sagradas. A Sola Scriptura (“Somente a Escritura”) foi o mapa que iluminou o caminho dos reformistas do século XVI e deve continuar a ser o luminoso GPS dos cristãos do século XXI. A Bíblia é a Palavra de Deus. A Bíblia revela a economia divina e aponta para a salvação graciosa por Jesus Cristo. A autoridade das Escrituras suplanta opiniões de papas, apóstolos, padres, pastores e é superior a todas as tradições e ensinamentos humanos. Sem dúvida que a tradução da Bíblia das línguas originais para as línguas vernáculas e a sua disseminação massiva foi um grande legado que a Reforma Protestante nos deixou.

Por outro lado, o facto de se começar a ler a Bíblia de forma individual e livre trouxe também alguns equívocos e heresias ao longo dos séculos. O padre António Vieira, comentando a tentação de Jesus relatada nos Evangelhos, escreveu que “as Palavras de Deus tomadas em sentido alheio são armas do Diabo.” É fundamental ler e interpretar bem as palavras da Palavra. Um dos livros que li nestas férias foi uma extraordinária colecção de reflexões teológicas de Luiz Sayão: Agora Sim! Teologia do começo ao fim. A propósito da má interpretação que pode ocorrer na leitura bíblica, Sayão escreve: “É preciso estudar a Bíblia no seu próprio contexto, entendendo os elementos históricos, literários e teológicos para que conheçamos ao máximo a intenção original do texto. Depois disso, temos a tarefa de destacar os princípios que estão presentes no texto, para então comparar o que descobrimos com uma análise teológica mais profunda, a partir de outros textos importantes que falam do princípio descoberto no texto inicialmente analisado. Finalmente, devemos fazer a aplicação do princípio descoberto e teologicamente analisado na realidade do quotidiano.” A boa interpretação e exposição da Bíblia tem sempre presente o pano histórico, o contexto dos versículos, do livro e a intenção original do texto. Só assim se consegue extrair bem os princípios e as verdades espirituais que devemos aplicar e viver nos nossos dias.

Se por um lado é fundamental contextualizar a leitura e a interpretação da Pa-

lavra, por outro lado a leitura bíblica não pode ser uma coisa meramente formal e técnica. A aproximação descontextualizada da Bíblia é loucura, mas maior loucura é aproximarmo-nos da Bíblia como se apenas letra se tratasse. A ignorância desvia, a letra mata. A Bíblia é muito mais que um livro antigo que deve ser estudado, a Palavra de Deus é alimento e vida espiritual. Precisamos ler a Bíblia com a mente e com o coração.

● ● ●
é preciso estudar a Bíblia
no seu próprio contexto,
entendendo os elementos
históricos, literários
e teológicos

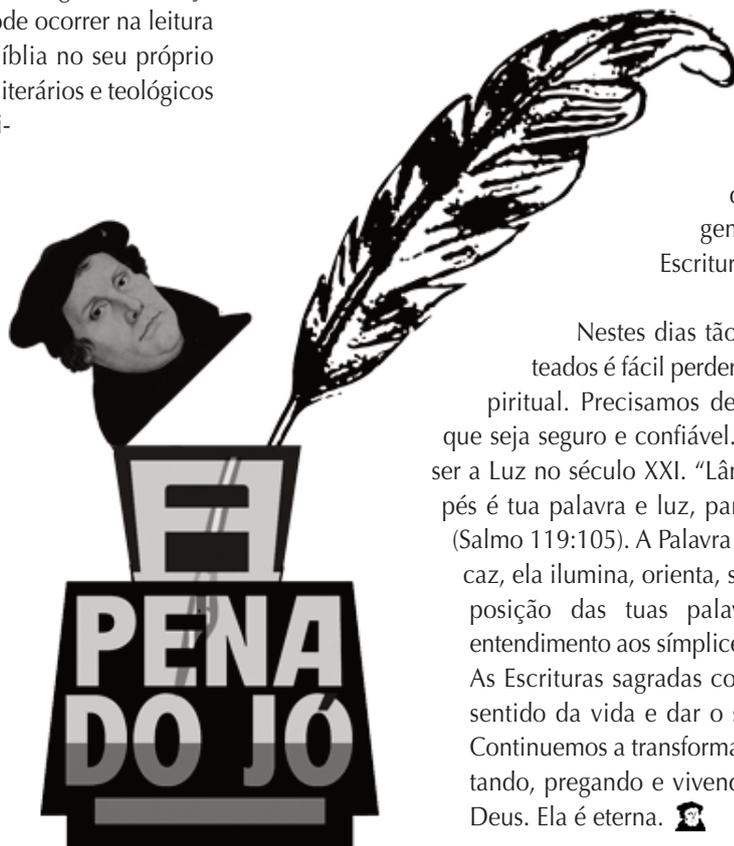
● ● ●

Perante a magnífica herança que os reformistas nos entregaram, fico triste ao constatar a negligência que alguns pregadores actuais têm com a Palavra de Deus. Em vez de deixarem a Palavra falar, enchem os sermões com as suas próprias ideias, opiniões e conceitos. O Pastor Hernandes Dias Lopes, na biografia que escreveu acerca do Apóstolo Paulo, realça o grande compromisso que o Apóstolo tinha com a Palavra (Actos 20:20-27). Hernandes Lopes conclui

que “O líder espiritual precisa ensinar só a Bíblia e toda a Bíblia. Ele não pode aproximar-se das Escrituras com selectividade. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino e a correcção. A única maneira de o líder espiritual cumprir esse desiderato é pregar a Palavra expositivamente.

Não pregar suas próprias ideias, mas a Palavra. Não entregar a sua mensagem, mas a de Deus. A mensagem deve emanar das Escrituras.”

Nestes dias tão confusos e desorientados é fácil perder o Norte do rumo espiritual. Precisamos de um farol espiritual que seja seguro e confiável. A Bíblia continua a ser a Luz no século XXI. “Lâmpada para os meus pés é tua palavra e luz, para o meu caminho.” (Salmo 119:105). A Palavra de Deus é viva e eficaz, ela ilumina, orienta, salva e liberta. “A exposição das tuas palavras dá luz e dá entendimento aos simples.” (Salmo 119:130). As Escrituras sagradas continuam a revelar o sentido da vida e dar o sentido para a vida. Continuemos a transformar este mundo, meditando, pregando e vivendo hoje a Palavra de Deus. Ela é eterna. 



crónica e fotos
de Carlos Lacerda

“LIGHT WATER COLOR”

EXPOSIÇÃO COLETIVA NO MUSEU DOS COCHES (LISBOA)

Onde estão os teus amigos da adolescência? Ainda te lembras de algum? Prepara-te e vai. Certamente terás uma palavra para partilhar!

ORUI PINHEIRO trouxe os quadros. Demorou um pouco mais. Estava à espera das molduras. São quadros de aguarelas. Os temas, como não podia deixar de ser, são em boa parte da região sintrense. Trouxe os quadros para expor no café Estefânia. A D^a Cristina e o Sr. Luís, donos do estabelecimento, estão muito entusiasmados com a qualidade dos trabalhos. Também me sinto honrado por ter contribuído para esta exposição. Em Maio passado, num almoço de confraternização, encontrei o Rui, meu amigo de infância da Portela, agora com 73 anos. Depois de falarmos sobre o percurso da vida, e particularmente sobre a sua vida de pintor, sugeri-lhe que voltasse a Sintra para expor. Eu mesmo iria fazer os contactos e o Rui ficou interessado.

O Rui viveu com os pais ali em frente ao atual campo de futebol do Sintrense. Ele fazia as balizas com madeira e cobria as laterais com rede de pesca. Carregava com elas até um terreno aberto na serra muito perto da sua casa. O Rui era o mais velho, 11 anos, de todo o bando da Portela e nós, de 7 e 8 anos, seguíamos atrás. Chegados ao campo, dividíamos-nos em duas equipas e passávamos uma boa parte das tardes a correr aos pontapés atrás da bola e à procura dos golos e terminando com o refresco de água, café e casca de limão que as nossas mães preparavam nos termos. O Rui jogou depois como guarda-redes em vários clubes de futebol e foi treinador também.

Desde miúdo sempre teve o dom de desenhar e pintar. Com treze anos já fazia pinturas e presépios em barro. Aos 40 anos, depois de ter guardado as luvas de guarda-

redes no armário e colocado na prateleira as estratégias do treinador, o Rui retomou o seu dom de infância e deu-lhe continuidade. Hoje é um artista reconhecido no meio, pintor de aguarelas e pastel naturalista e paisagista, com um vasto curriculum, muitas exposições pelo país fora (80 individuais e 200 coletivas; hoje expõe no Museu dos Coches) e obras vendidas. Agora retomou o barro, construindo figuras humanas que observa em movimento, continuação da sua vocação de adolescente e, pelo que vejo na sua oficina, irá longe também.

Vim visitá-lo na Ericeira e estive na sua oficina. Mostrou-me as suas recentes obras em barro e a aguarela. Tivemos oportunidade de falar sobre o seu trabalho, sobre a vida vivida, os tempos passados. A sua esposa juntou-se a nós e pudemos almoçar juntos.

Perguntei ao Rui: - Quem manda na escultura? O barro ou o oleiro?

- É o oleiro, Carlos, em princípio, desde que este seja bom no seu ofício...

- Se não existissem primeiro as belas paisagens, Rui, onde iria o artista buscar a inspiração que nos revela... os detalhes que os nossos olhos não veem e que tão bem sabe revelar. O barro representa a nossa fragilidade, trabalhado, transformado, feitos à imagem do “Escultor Supremo” de quem recebemos a vida e todos os dons inclusive o de pintar e o de esculpir!?

- É verdade, Carlos, que grande mistério!



O REFRIGÉRIO FÊZ 30 anos

por José Carlos Oliveira

Em Outubro de 1986, numa reunião mensal de Anciãos das igrejas evangélicas do Norte, que se realizava na saudosa Livraria Esperança, propus a criação de um jornal/revista. Sugeri que o nome fosse Refrigério e a ideia foi aceite por todos. Na altura não desconhecía outros esforços que já tinham sido tentados. Para citar apenas alguns exemplos, lembro-me da revista Comunhão, projeto ao abrigo da CIEP (um protótipo do que viria a ser a CIIP) que sendo presidida pelo irmão Narciso Campos, “deu à luz” esta publicação que contou com a minha cooperação e a da Élia Catarino. Entretanto, a Sul, surgiriam mais tarde dois projetos: A revista “A Outra Face” da responsabilidade de João Pedro Martins e o jornal “Irmãos” (com o qual também cooperei) sendo seu diretor o irmão Jorge Rodrigues. Infelizmente, a exemplo da revista Comunhão, estas publicações tiveram uma vida demasiado curta.

ESPERAVA-SE que o Refrigério se constituísse no órgão informativo e formativo das Assembleias dos denominados “Irmãos”. Haveria de ter informações quanto às várias iniciativas que, a nível de todo o país, tivessem lugar, artigos para edificação e estudos (com os respetivos esquemas) que poderiam ser usados nas reuniões de estudo bíblico das igrejas locais. Foi também decidido que cada edição incluísse uma página evangelística, que facilmente pudesse ser destacada para ser oferecida. Com mais ou menos dificuldades o projeto foi avançando. Como seu primeiro diretor, contei sempre com a cooperação empenhada de vários irmãos dos quais gostaria de destacar o nome do irmão Samuel Pereira, que foi sempre um entusiasta do projecto. Na altura o Refrigério não tinha a concorrência que hoje em dia lhe é feita pela Internet, sobretudo pelas chamadas Redes Sociais.

Era, por isso, normal que ele esgotasse nas igrejas, mal fosse distribuído, e que recebêssemos críticas que eram, de alguma maneira, uma forma de sondarmos ou de tomarmos o pulso ao impacto da publicação.

Com mais ou menos eficácia e com alguns problemas financeiros à mistura, o Refrigério tem vindo a fazer o seu caminho, estando neste momento com nova dinâmica (também ao nível gráfico) porque uma publicação com objetivos tão ambiciosos não pode parar no tempo ou cristalizar-se.

Tendo em conta a concorrência que hoje se verifica, os responsáveis da publicação precisam de munir-se de muita criatividade e inovação o mesmo se esperando de quem para ela escreve. Nem sempre é fácil, pelo que as orações dos crentes (para além do apoio financeiro) são, certamente, fundamentais, até porque considero que uma publicação como o Refrigério continua a ter

espaço e precisa de ser acarinhada.

Seria, a meu ver, de grande utilidade que as linhas mestras que estiveram na génese do “movimento dos irmãos”, copiadas (a meu ver) da igreja do primeiro século, fossem dadas a conhecer, pela publicação, aos mais novos para que (apesar das inevitáveis influências) eles aprendessem a preservá-las nas igrejas locais. Permitam-me que enumere, apenas, seis dessas linhas mestras:

1 NÃO À IDEIA de que, na igreja, haja clérigos e leigos. Apesar das igrejas locais necessitarem de liderança e de cada membro possuir pelo menos um dom, o Novo Testamento ensina que TODOS os salvos são sacerdotes (I Pd.2:5 e Ap.5:10). A igreja, portanto, não tem sacerdotes (ou sucedâneos), é um sacerdócio santo que é presidido pelo sumo-sacerdote, Jesus Cristo. (Hb.8:1)

2 NÃO À IDEIA da liderança singular. A prática, tão difundida, de que as igrejas locais possuem o líder (o pastor) não resiste ao exemplo das igrejas do primeiro século. Segundo o Novo Testamento as igrejas locais devem ter liderança plural, a cargo dos anciãos (também chamados bispos ou presbíteros) não havendo um só exemplo de liderança singular. Paulo, por exemplo, mandou que nas igrejas fossem escolhidos presbíteros chamando-lhes também bispos (Tito, 1:5,7). De Mileto, o apóstolo mandou chamar os anciãos da igreja de Éfeso, ordenando-lhes (entre outras coisas) que olhassem por todo o rebanho e o apascentassem (At.20:17-28). O Novo Testamento destaca também a cooperação dos diáconos que se devem ocupar, sobretudo, dos assuntos mais práticos.



Capa do Refrigério n° 1



Capa do Jornal Irmãos

3 NÃO À IDEIA de cultos “espetáculo”. Com os “atores em palco” e aqueles que apenas assistem, sendo a maior parte do culto preenchida com música, onde se pode apreciar como se canta e toca e depois elogiar ou criticar. O pouco tempo que resta é destinado para a Palavra, mas depois de tanto tempo preenchido já todos esperam dos pregadores um “pequeno pensamento”. É, também, por causa disto que as igrejas definham.

Recorde-se que as primeiras reuniões, promovidas pelos que viriam a tornar-se pioneiros do “movimento dos irmãos”, tiveram lugar em casas particulares (a exemplo da igreja do primeiro século sob perseguição) e mal alguns salões puderam ser utilizados a simplicidade estava patente em tudo. Muitas vezes nem instrumentos musicais existiam mas nem por isso Deus era menos louvado. Regra geral existia um púlpito e uma mesa onde eram colocados os símbolos da Ceia do Senhor. Os cultos eram conduzidos sem que alguém procurasse chamar a atenção para si mesmo, em verdadeira adoração e meditação atenta da Palavra. Havia um cuidado enorme para que APENAS a Palavra fosse tida em consideração e Cristo recebesse toda a glória e honra.

4 NÃO À IDEIA de uma igreja acantonada, “trancada entre quatro paredes”. A ideia dos crentes ficarem à espera que os incrédulos vão ao seu encontro, para assistir ao culto de pregação do Evangelho, não é ensinada pela igreja do primeiro século, e o “movimento dos irmãos” destacou-se pelo seu forte fervor missionário, sendo que os nossos pioneiros, a exemplo dos primeiros cristãos, levaram muito a sério o “ide” de Jesus (Mt.28:19) ou o “ser-me-eis testemunhas” (Atos 1:8).

A igreja do primeiro século e os “irmãos” no seu início, nunca esqueceram que “o campo é o mundo” e que o mundo está lá fora.

5 NÃO À IDEIA de que a nossa pregação tenha APENAS como alvo as necessidades espirituais das pessoas. É impossível, ao olharmos para Jesus e para a igreja do Novo Testamento, ficarmos com esta ideia descabida. O nosso Mestre sempre se preocupou com o ser humano TOTAL e a igreja seguiu essas pisadas. Os “irmãos” nunca descuraram, no início, que o ser humano precisa de ser cuidado no seu todo. Todos já ouvimos falar, por exemplo, da obra tão relevante que um dos nossos pioneiros (Jorge Muller) colocou em prática a favor das muitas crianças órfãs dos seus dias.

6 NÃO À IDEIA de uma igreja seletiva. Precisamos lembrar que Deus amou o MUNDO (humanidade); que Cristo morreu por TODOS e que Deus não quer que NINGUÉM se perca (II Cor.5:14,15; II Pd.3:9; I Tm.2:4). O Salvador veio para os “doentes” e não para os “sãos” (Lc.5:31) e sabemos que, em termos espirituais, TODOS somos doentes (Rm.3:23).

O Evangelho (boa notícia) é para TODOS e a igreja tem de ter portas abertas e ser inclusiva. Não devemos, nunca, perder de vista que é pela Palavra, aplicada pelo Espírito Santo, que o pior dos pecadores pode ser salvo e transformado. Ao contrário dos judeus, com destaque para Jonas que queria evitar, a todo o custo, que os ninivitas fossem alvo da compaixão de Deus e dos discípulos que queriam mandar descer fogo do céu para destruir os samaritanos, devemos olhar para todos com o mesmo olhar compassivo e misericordioso com que Jesus olhava. Afinal nós somos o seu corpo.

É claro que respeitamos quem de nós diverge quanto a estas ideias, que consideramos mestras, da mesma forma que reclamamos o direito de sermos respeitados.

É importante que tudo seja feito para que, caso o regresso do nosso amado Salvador não se verifique antes disso, o Refrigério dure, pelo menos, mais 30 anos. É, por isso, necessário que “sangue novo” possa ser injetado. Que jovens, membros das nossas assembleias, sejam motivados a contribuir para a publicação, preservando o que poderá ter um papel determinante para que as igrejas locais se mantenham na senda dos bons princípios bíblicos, sem deixar de “espreitar” novas formas de abordagem. Não devemos, julgo eu, ter medo que alguns destes jovens, ao escrever, revelem (quanto ao que não é fundamental) opiniões que choquem com aquilo que sempre defendemos. A menos que o que escreverem venha imbuído de um espírito proselitista e dogmático já que, por vezes, é muito difícil traçar uma fronteira entre o dogmatismo e o fanatismo. Mas se os seus contributos vierem despidos desse espírito, poderão ajudar a que todos aprendamos a ter divergências sobre questões sobre as quais ninguém pode ter certezas absolutas. E aqui cabe a frase bem conhecida: “Que no fundamental haja UNIDADE, no não fundamental LIBERDADE e que em tudo haja CARIDADE”.

Um dia, na presença daquele que tudo sabe, todos vamos ser surpreendidos com a irrealidade de algumas ideias que aqui defendemos, permitindo mesmo que elas dividissem o povo de Deus.

Daqui por 30 anos, certamente, já cá não estarei. Por isso aproveito, enquanto ainda tenho tempo, para gritar: Força Refrigério.

ATIVIDADE CRISTÃ NA INDONÉSIA

Há nove anos, um grupo de cristãos entusiasmados na região sundanesa de Java Oeste alugou uma casa para chegar às crianças que viviam no lixo. À medida que o número aumentava e a vida das crianças mudou, as famílias muçulmanas, que inicialmente estavam hesitantes, começaram a frequentar as atividades cristãs. Com a expansão da proclamação do evangelho, as pessoas converteram-se, batizaram-se e ensinaram a Palavra de Deus.

O sucesso desta atividade resultou na compra de espaços mais seguros para a realização do trabalho e num aumento no número de crianças e famílias alcançadas com a mensagem cristã. Mais de mil pessoas locais já estavam envolvidas. Embora alguns muçulmanos radicais tentassem parar a construção de um novo jardim de infância, os pais muçulmanos e um proeminente líder muçulmano apoiaram a iniciativa dos cristãos, e agora a escola funciona com reconhecimento e proteção oficial.

Voz dos Mártires

CRISTÃOS NA TUNÍSIA

Apesar de a lei da Tunísia afirmar que as pessoas são livres para escolher e praticar a sua própria religião, a pequena, mas crescente, comunidade cristã neste país enfrenta muitas pressões. A maioria dos cristãos tunisinos são convertidos do Islão, o que significa que muitas vezes são rejeitados por familiares e amigos e sofrem abuso físico, verbal e psicológico, estando também sujeitos à demissão de seus empregos. Oremos para que as suas feridas mentais e emocionais sejam curadas.

Fundo Barnabas

TRAUMA DA SÍRIA

Antes da guerra atual, cerca de 10% da população Síria era nominalmente cristã e usufruía de igualdade e respeito. No entanto, o surgimento de grupos militantes islâmicos, e especialmente o surgimento do Estado islâmico (ISIS), levaram a uma violenta perseguição anti-cristã. Metade da população é deslocada e quase cinco milhões de pessoas fugiram do país, incluindo, pelo menos meio milhão de cristãos. A maioria dos governos ocidentais continua a discriminar os refugiados cristãos sírios, apesar de uma resolução do Parlamento Europeu em 2016 ter reconhecido o assassinato sistemático de cristãos e outras minorias pelo Estado islâmico como genocídio.

UM VISLUMBRE DA GUATEMALA

O tamanho aparente da igreja na Guatemala não se reflete no estado moral da sociedade. A Guatemala tem a maior taxa de homicídio na América Latina, o tráfico de drogas e o crime organizado são generalizados e os esquadrões da morte realizam o que chamam de "limpeza social". Os guardas armados privados superam em número a polícia dois a um.

Congresso de Senhoras do Norte

COMO LIDAR COM O SOFRIMENTO

14 de Outubro de 2017
10h00 às 12h00
15h00 às 17h00

Igreja Evangélica da Foz
Rua das Motas, 22, 4150-520 Porto

A maioria das crianças entre as idades de 6 e 18 vivem em extrema pobreza, um grande número de órfãos ou de casas quebradas. As 15 mil crianças da rua vivem em perigo de ser assassinadas pelos esquadrões da morte, que consideram incómodos. Uma série de ministérios locais e internacionais estão buscando soluções para esses problemas.

No meio deste caos social, as igrejas realizam grandes campanhas evangelísticas e operam dois canais de televisão cristãos e mais de 50 estações de rádio cristãos locais. Existem inúmeras revistas e jornais cristãos, e o testemunho pessoal de muitos cristãos é fervoroso. Existem cerca de 150 escolas cristãs e outros institutos de aprendizagem.

Operação Mundo

MUÇULMANOS DAS FILIPINAS

Na ilha filipina de Mindanau, um grupo muçulmano inspirado no ISIS, conhecido como "Maute", atacou uma Catedral Católica e um Colégio Protestante, e incendiou inúmeras outras propriedades. Um camião que transportava nove trabalhadores cristãos foi emboscado e seus ocupantes executados. Os militantes estão usando reféns cristãos como escudos humanos enquanto se envolvem em ferozes batalhas com as forças armadas filipinas. O presidente filipino declarou a lei marcial em Mindanau, enquanto a igreja pede a libertação dos reféns cristãos.

TRADUÇÕES DA BÍBLIA

É difícil avaliar o número de línguas no mundo, em parte devido às linhas desfocadas entre línguas e dialetos e em parte porque alguns podem ser falados por apenas algumas centenas de pessoas. O número é provavelmente entre seis e sete mil, e cerca de metade delas (as línguas menos faladas) ainda não possuem parte das Escrituras.

Das línguas que representam a maioria da população mundial, 648 têm a Bíblia inteira, mais 1432 têm o Novo Testamento e outras 1145 têm porções e seleções das Escrituras. O trabalho sobre a tradução da Bíblia em todo o mundo está a progredir mais rápido do que nunca.

CONTRASTES UGANDESES

Apesar da crescente atividade dos grupos de pressão muçulmanos no país nominalmente cristão do Uganda, trinta ex-xeques e um imã recentemente tornaram-se cristãos e atualmente estão a viver em "casas seguras". Os militantes muçulmanos estão tentando localizá-los e eliminá-los, mas, até agora, sem sucesso. Vários ministérios cristãos no Uganda realizaram programas especiais de formação para os crentes locais aprenderem a proclamar o evangelho aos muçulmanos.

DECLÍNIO DO NÚMERO DE CRISTÃOS BRANCOS

Os cristãos brancos já não são a maioria nos EUA de acordo com o PPRI - Instituto de Pesquisa Pública de Religião. O PPRI revelou que só 43% dos Norte Americanos dos EUA se identificam como Cristãos brancos, queda dos 81% de 1976. O grupo de protestantes evangélicos lidera este declínio.

Time 18/09/2017

PASTOR LIBERTADO PELA COREIA DO NORTE

O pastor canadense Hyeon Soo Lim, libertado pela Coreia do Norte chegou a sua casa no Canadá, após ter ficado preso desde 2015, tendo sido condenado a prisão perpétua. Lim, líder de uma das maiores igrejas do Canadá, foi condenado a trabalho forçado por acusações de tentar derrubar o regime norte-coreano. Visitou a Coreia do Norte mais de 100 vezes desde 1997 e ajudou a criar um orfanato e uma casa de enfermagem.

Espaço para autocolante ou carimbo de contactos da igreja

A revista REFRIGÉRIO é o órgão oficial da Comunhão de Igrejas de Irmãos em Portugal. Através de artigos de edificação, reflexões e notícias pretende contribuir para: anunciar a boa nova de que há salvação em e por Cristo Jesus; levar os crentes a uma maior santidade pessoal; aumentar a comunhão entre os que creem em Jesus Cristo como seu Salvador e Mestre; celebrar vidas e ministérios que têm sido agentes de Deus em Portugal; divulgar eventos relevantes para as comunidades cristãs evangélicas; partilhar Notícias do campo missionário em Portugal; e do que missionários de língua portuguesa em diferentes pontos do mundo estão a fazer no cumprimento da Grande Comissão.